

O balanço de Lauro Maia
Miguel Ângelo de Azevedo (Nirez)
Ceará, 1991
(Edição do Autor)

Este trabalho está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-Usos Não-Comerciais-Não a Obras Derivadas 2.0 Brasil. Para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.0/br/> ou envie uma carta para Creative Commons, 559 Nathan Abbott Way, Stanford, California 94305, USA.

M. A. Azevedo (Nirez)

O BALANCEIO DE LAURO MAIA

2005

CARTÃO DE VISITA

A obra de Lauro Maia é o resultado – como não poderia deixar de ser – do ambiente musical da época aliado ao seu talento tanto musical como versátil entre o popular, o popularesco e o clássico (não erudito).

A música popular brasileira foi e ainda é o reflexo do centro das artes concentrado no Rio de Janeiro e em São Paulo: o primeiro com sua música romântica, o samba jocoso e a marcha carnavalesca; o segundo com sua mazurca, rancheira, valsa e canção com sabor de imigração.

Essas influências aliadas às locais como o folclore, o rural nordestino e ainda a presença jazzística existente em grande maioria de nossos músicos, deram à obra de Lauro Maia um sabor todo especial. As influências são naturais e até benéficas desde que não cheguem a descaracterizar o regional.

Lauro iniciou sua carreira artística ao final da década de 30, quando pontificavam nacionalmente nomes como Pixinguinha, Benedito Lacerda, Ary Barroso, Lamartine Babo, João de Barro, Haroldo Lobo, Custódio Mesquita, J. Cascata, Ataulfo Alves, José Maria de Abreu, Assis Valente, Silvino Neto, Dorival Caymmi, Luís Bitencourt e Leonel Azevedo, para citar apenas os mais cotados.

Os instrumentistas eram Luiz Americano, Dante Santoro, Abel Ferreira, Fon-Fon, Garoto, Luperce Miranda, Carolina Cardoso de Menezes, Laurindo de Almeida e os já citados Pixinguinha, Benedito Lacerda e Custódio Mesquita.

Aliando suas experiências urbanas com ritmos da terra, Lauro criou, ainda em Fortaleza, valsas, sambas e marchas com características nossas, além de peças com ritmos e sabor nativos. Ao mudar-se para a então capital federal, Rio de Janeiro, passou a produzir, como exigia a época, músicas de sabor carioca, embora preferisse quase sempre os intérpretes cearenses por estes serem mais identificados com suas composições.

Embora gostasse de exercitar o jazz quando executava, Lauro Maia nunca deixou transparecer em suas produções essa influência, a não ser em uma única composição, o fox ***Gosto Mais do Swin*** (A César O Que É De César) que, como o próprio título sugere, foi proposital.

Após conseguir as primeiras gravações de suas músicas e estas obterem sucesso em todo o país, preocupou-se em difundir os ritmos sertanejos do nordeste, ao mesmo tempo em que compunha valsas com o sabor da época para cantores como Orlando Silva; sambas e marchas para os carnavais e também os chamados sambas de meio de ano, obtendo aceitação em todas as camadas sociais.

Lauro poderia ter sido o lançador do ritmo baião, pois foi procurado por Luiz Gonzaga para juntos fazerem o lançamento, mas preferiu encaminhar o sanfoneiro pernambucano a seu cunhado Humberto Teixeira, que teve a felicidade de, junto com Gonzaga, alcançar o mais estrondoso sucesso da época, que foi aquele ritmo, obtendo repercussão não só no Brasil mas também em todo o mundo.

Como executante - ele era pianista - infelizmente, Lauro Maia deixou registrados somente alguns acetatos gravados na antiga PRE-9 (Ceará Rádio Clube) e mesmo assim muitas de suas gravações se perderam com o tempo e o descaso.

Lauro Maia foi, portanto, um compositor versátil, eclético, que não se prendeu ao radicalismo dos ritmos nativos nem se entregou aos apelos externos. Fez a fusão do carioca com o cearense, do romântico com o jocoso, do clássico com o banal, produzindo peças da mais legítima Música Popular Brasileira. Música, porque ele era um catedrático em teoria e em sensibilidade; Popular, porque atingia a massa; e Brasileira porque sabia fazer cheirar à terra tudo o que produzia.

PALMINHA DE GUINÉ

Lauro Maia nasceu em 1913, ano de transição na vida política cearense, com derrubada de governantes (1912 e 1914) e o surgimento de muitas inovações, como veremos a seguir.

Era presidente da República o marechal Hermes da Fonseca, que esteve no cargo de 15 de novembro de 1910 a 15 de novembro de 1914. O então presidente (governador) do Ceará, coronel Marcos Franco Rabelo, em 1912 liderara um movimento que depôs a oligarquia comandada pelo comendador Antônio Pinto Nogueira Accioly. Eleito, assumiu o governo no mesmo ano mas foi deposto em 1914 pelo movimento conhecido como Sedição do Juazeiro, que tinha à frente a figura do caudilho baiano Floro Bartolomeu e que contava com o apoio do padre Cícero Romão Batista. O prefeito de Fortaleza (na época, intendente) era Ildefonso Albano, nomeado pelo presidente estadual.

Em Fortaleza eram pavimentadas apenas as ruas que ficavam no centro da cidade e, assim mesmo, com calçamento de pedras toscas apiloadas. Não havia ainda o meio-fio (fio-de-pedra) e nos bairros as calçadas eram irregulares, tanto na altura como na largura, sendo na maioria bastante altas, precisando-se de vários batentes para o acesso às casas. Não havia luz elétrica e as ruas eram iluminadas a gás carbônico, com combustores acesos diariamente por um vulto que se tornou popular, o acendedor de lampiões. O gasômetro, fonte que alimentava de gás os combustores, ficava ao lado da Santa Casa da Misericórdia, próximo ao Passeio Público e pertencia à Ceará Gaz Company Limited. O endereço era Rua Formosa, nº 50.

1912 foi o ano da chegada a Fortaleza do primeiro automóvel. Os bondes de tração animal da Companhia Carril iam sendo substituídos gradativamente pelos elétricos alimentados pela usina da The Ceará Tramway Light & Power Co. Ltd., que ficava próxima ao Passeio Público, para o lado da praia. O serviço de abastecimento d'água de Fortaleza também se iniciou em 1912 com a construção das caixas d'água na praça Visconde de Pelotas (hoje Clóvis Beviláqua) e o assentamento dos canos na cidade.

As principais firmas de Fortaleza à época eram Torre Eiffel (loja de modas), Fotografia N. Olsen, Hotel de France, Tabacaria Hildebrando, Padaria Emílio Sá, Casa Albano, Fábrica Modelo, Casa Bordallo, Fábrica de Fiação Santa Eliza, Casa Menescal, Fábrica Vitória, Casa Ribeiro, Fábrica Proença, Pharmacia Pasteur, Bóris Frères, Pharmacia Normal, Casa Conrado Cabral, Estrella do Oriente, Pharmacia Theophilo, Pharmacia Galeno, Fábrica Progresso, Pharmacia Albano, Banco do Ceará, Empresa Constructora Predial Norte do Brazil, Álvaro de Castro Correia, Benjamin Franklin, A. Guedes & Cia., H. Barroso & Cia., Cia. Montenegro & Filhos e outras menores. Era a época do cinema mudo onde pontificavam astros como Tom Mix, Theda Bara, Max Under, Sussue Mayakawa, Harold

Lloyd muitos outros nas casas exibidoras Amerikankinema, Cinema Rio Branco e Di Maio, pertencente a Victor Di Maio.

Na época a cidade se entregava arduamente aos folguedos e às festas religiosas. Em dezembro já se iniciavam os cantos nas portas das casas em homenagem ao Dia de Reis, sendo feriado o dia 6 de janeiro. Fevereiro era o mês em cujo dia dois, ao anoitecer, em todas as ruas da cidade se viam carreiras de lanternas de fabricação caseira - feitas de taliscas de madeira e cobertas de papel de seda colorido, com uma vela dentro, acesa - uma em cada casa, em homenagem à Nossa Senhora das Candeias. Era também o mês do carnaval dos papangus, que no ano do nascimento de Lauro Maia caiu nos dias 2, 3 e 4 de fevereiro (às vezes caía em março). Como Lauro só veio ao mundo no final do ano, o primeiro carnaval que o encontrou já nascido foi o de 1914, nos dias 22, 23 e 24 de fevereiro.

Depois vinham a Semana Santa, com as proibições, os santos cobertos com tecidos roxos, a procissão com a matraca e, após o rompimento da Aleluia, o Dia de Judas, com a queima do boneco de pano exposto pendurado em uma forca, no centro de um belo *sítio* feito de árvores arrancadas que iam pouco a pouco emurchecendo. O Judas só era queimado após a leitura do *testamento* em versos, que era aproveitado para satirizar as pessoas da redondeza.

O dia primeiro de abril, dia da mentira, era animado, principalmente na Praça do Ferreira onde havia uma árvore famosa, o *cajueiro da mentira*, sob o qual eram contadas as mais fantasiosas aventuras. Depois vinham as festas juninas que se iniciavam com o dia consagrado a Santo Antônio, com as adivinhações pelas moças casamenteiras, como a faca enfiada na bananeira, formando a letra inicial do nome de seu eleito, a bacia d'água para refletir o rosto de quem estaria vivo na próxima festa, etc., seguida da festa de São João - a mais animada - e São Pedro, todas com grandes fogueiras onde, ao seu redor, eram realizadas diversas brincadeiras, saindo dali afilhados, madrinhas e padrinhos e onde muitos fogos eram usados, desde os de explosão até os ornamentais.

Durante todo o ano existiam dramas caseiros de fundo de quintal que serviam de escola para muitos futuros atores. Havia também pequenos circos, pobres, geralmente de propriedade de palhaços, onde também era cultuada a arte de representar com peças tradicionais. Havia as quermesses cujas rendas iam para as paróquias, com divertimentos e jogos além dos famosos partidos encarnado e azul, cada um querendo eleger sua rainha. As festas ou bailes eram feitos em casas de família da alta classe ou da mais humilde. Era comum o uso de orquestras, já que não havia ainda o rádio nem as radiolas ou eletrolas. Algumas casas se davam ao luxo de promover festas ao som de gramofones. O mais interessante, porém, nas festas da época, consistia no uso dos *carneés de baile*, cadernetas dotadas de pequenos lápis com o roteiro musical a ser executado, onde os varões anotavam os nomes das damas com quem haviam dançado os números musicais.

As crianças não paravam de brincar o ano todo e aproveitavam as condições climáticas propícias a cada diversão. Quando o solo estava endurecido pela caída das chuvas, brincava-se de pião ou de cabiçulinha (bila ou bola de gude) de vidro ou de aço. Na época em que o vento soprava mais forte, entre julho e setembro, a principal diversão era a arraia (papagaio ou pipa). Havia ainda o jogo da macaca (amarelinha) de dois tipos, desenhadas nas calçadas com tijolo branco, caco de telha ou carvão.

Existiam também as brincadeiras de roda, o remã-remã, eu sou pobre, pobre, pobre, bonecas de espiga de milho aproveitando o cabelo da espiga, bonecas de pano, os guisados, pular corda, plantar bananeira, pernas de pau, etc.

Nas calçadas das casas de família as cadeiras formavam rodas de conversas até altas horas da noite, cada um com seu cobertor de lã - na época fazia frio em Fortaleza - e uma quartinha (moringa) d'água para aliviar a sede que se apresentava após muito parlatório. Geralmente o principal assunto era história de almas do outro mundo.

As serenatas se iniciavam com tertúlias familiares e se estendiam até a madrugada pelas ruas da cidade. Eram protagonistas os compositores e cantores Raimundo Ramos Filho, conhecido como Ramos Cotoco, também pintor e que assinava seus trabalhos como R. Ramos, Amadeu e Roberto Xavier de Castro, Joaquim Dantas, Otacílio de Azevedo, Hemetério Cabrinha, José Alberto Leite, Júlio Azevedo e muitos outros.

A Praça do Ferreira tinha, ao centro, o Jardim 7 de setembro, bellissimo, rodeado de grades entre colunas, com vários frades de pedra, colunas para amarrar os animais. Em cada canto da praça, um quiosque abrigando um café-restaurant: Do Comércio, Java, Iracema, Elegante e um, que não ficava no canto, mas do lado da Travessa Municipal (atual Rua Guilherme Rocha), pertencente à Light.

A RFFSA era na época denominada Estrada de Ferro de Baturité (EFB), depois chamada Rede de Viação Cearense (RVC), indo os trilhos da Estação Central, pela Avenida Tristão Gonçalves. Havia uma linha que acompanhava a orla marítima, indo até a Alfândega e a Ponte Metálica. Outra ia na direção de Jacarecanga até as oficinas no bairro do Urubu. Os meios de transporte utilizados para viagens ao interior do estado eram o trem ou o animal. Para outros estados ou países só havia o navio. Nosso porto era a Ponte Metálica, onde os navios não ancoravam, ficando à distância, sendo o embarque ou desembarque feito com ajuda de escaleres.

Foi neste ambiente que nasceu Lauro Maia Teles, no dia 6 de novembro de 1913, de acordo com a certidão de batismo. Foi batizado na então igreja de São Luiz Gonzaga, hoje Nossa Senhora do Patrocínio, no dia 4 de dezembro do mesmo ano, pelo Reverendíssimo Monsenhor João Dantas Ferreira Lima, sendo seus padrinhos José Nicolau Afonso Maia - seu avô materno - e Nossa Senhora.

O batismo está registrado no Livro nº 17, folha 107, de 1913.

Já no Registro Civil, feito no Cartório João de Deus em 11 de dezembro de 1916, consta que Lauro Maia nasceu no dia 6 de setembro (e não novembro) de 1913, no Boulevard Visconde de Caupe, às 13 horas. O registro foi feito também pelo avô materno de Lauro, José Nicolau Afonso Maia, tendo como testemunhas o Dr. Carlos Livino de Carvalho, José Zaqueu Maia e o oficial do Registro Civil interino Anfrísio Teófilo Serpa. O registro está no Livro nº 23 à folha 155-V, sob o nº 667.

Julgamos que a confusão nos meses (setembro e novembro) deve ter-se dado por causa do uso de números no lugar dos nomes dos meses. Setembro sendo o 9º mês do ano, deve ter sido grafado como 9 (nove) e quando passado a limpo deve ter havido, por distração, a troca de nove por novembro e não por setembro. Ou então nasceu mesmo em novembro e quem anotou se enganou, colocando o 9 (nove) como novembro, confundindo-se da mesma maneira. De qualquer forma tendo sido ambos os documentos ditados pela mesma pessoa, no caso o avô materno de Lauro, cremos que não poderia haver engano por parte dele. Paira então a dúvida quanto ao mês exato do nascimento de Lauro Maia.

Entre os antepassados de Lauro Maia existem vultos ligados à nossa história, principalmente do lado materno. Seus pais foram o odontólogo Antônio Borges Teles de Menezes e Laura Maia Teles de Menezes. A mãe, compositora, pianista, professora de música e piano, foi autora de várias peças que em nossa terra obtiveram relativo sucesso, porém se perderam no tempo por nunca terem sido gravadas e poucas terem sido editadas em partitura. Encontramos referências apenas ao Hino à Santíssima Virgem de Fátima, gravado por ela em acetato na PRE-9 em solo de piano, Salve Regina, Santa Rosa de Viterbo, Ceará Sport Clube, tango editado pela Ceará Musical, de A. Mouta & Cia., do professor Antônio Mouta, que também editou a valsa Miss Moderno. Laura Maia Teles, quando criança, estudou na França durante vários anos. Era filha de José Nicolau Afonso Maia que, ao lado dos irmãos Vicente e Geminiano, manteve por muito tempo em Fortaleza o estabelecimento comercial O Louvre, casa importadora de grande importância no Estado. Geminiano Maia foi cônsul da Bolívia e vice-cônsul da Rússia no Ceará. Filantropo dotado de fortuna, prestou muitos benefícios, principalmente no setor sócio-religioso. Em 1893 recebeu do governo português o título de Barão de Camocim. Por vários anos dirigiu a Associação Comercial do Ceará, em cuja gestão foi construído o Palacete Guarany, sede da agremiação.

Os pais de José Nicolau Afonso Maia, avô materno e padrinho de batismo de Lauro Maia, eram Cosme Afonso Maia e Teresa de Jesus Maia. Já a avó materna de Lauro, Maria Amélia Maia, esposa de José Nicolau, era irmã do tabelião Pergentino Maia e seus pais foram Antônio Lúcio Alves Maia e Maria da Conceição Ferreira Maia.

O pai de Lauro Maia, Antônio Borges Teles de Menezes, odontólogo, era filho de Dário Teles de Menezes e Emília Borges de Menezes, a qual se chamaria, depois de enviuvar e casar em segundas núpcias, Emília Borges do Amaral. Seu segundo esposo foi o comerciante e abolicionista José Correia do Amaral. Ela era filha de Antônio de Oliveira Borges e Francisca Rosa de Castro.

Lauro Maia tinha duas irmãs: Carmen Maia Teles e Maria Léa Maia Teles, ambas falecidas na casa do antigo Boulevard Visconde de Cauype, hoje Avenida da Universidade, nº 1966, no mesmo local onde nasceu Lauro Maia.

Antes de ir para o Rio de Janeiro, Lauro Maia casou-se com Djanira Teixeira, irmã do compositor Humberto Teixeira, a quem ele não conhecia pessoalmente e que depois seria seu amigo e parceiro. Lauro e Djanira tiveram dois filhos, nascidos ainda em Fortaleza: Eva Maria Teixeira Maia, em 10 de julho de 1942, e Lauro Maia Filho, em 12 de dezembro de 1943.

Eva Maria casou-se com Luís Carlos da Silveira Miranda, mudando o nome para Eva Maria Maia Miranda e foi morar em Toronto, Canadá. Eva teve dois filhos: Alexandre Maia Miranda (1967) e Ricardo Maia Miranda (1971). Hoje ela é divorciada e reside em Houston, Texas, nos Estados Unidos.

Lauro Maia Filho é casado com Vilma Maia e mora na cidade natal da esposa, Londrina, Paraná. O casal teve dois filhos: Tatiana Maia e Lauro Maia Teles Neto, nascidos em 1977 e 1979, respectivamente.

PROVA DE FOGO

Após os exames finais do Liceu do Ceará em 1932, quando logrou aprovação, Lauro Maia requereu a inscrição na lista de candidatos ao vestibular da Faculdade de Direito do Ceará no dia 13 de fevereiro de 1933 e, no dia 23, prestava os exames, recebendo média final quatro. Logo no dia seguinte dava entrada com o seguinte requerimento: “Ilmo. Sr. Dr. Diretor da Faculdade de Direito do Ceará / Lauro Maia Teles, filho legítimo de Laura Maia Teles, com 20 anos de idade, natural de Fortaleza, Estado do Ceará, tendo sido aprovado no exame vestibular a que se submeteu nesta Faculdade, na presente época, vem mui respeitosamente requerer a sua matrícula no 1º ano desta Faculdade./ O requerente junta os documentos exigidos por lei./ N. Termos / Pede Deferimento./ Fortaleza, 24 de fevereiro de 1933 / Lauro Maia Teles.” Data e assinatura por sobre duas estampilhas, uma de expediente (2.000 réis) e outra de educação e saúde (200 réis).

O documento traz dois despachos, ambos com a mesma data: “Lavrou-se o termo... assinado por Ubirajara Índio do Ceará e Como requer...” com assinatura de Menezes Pimentel.

O primeiro ano da Faculdade, para Lauro Maia, transcorreu sem dificuldades, tanto que, no seu requerimento para inscrição no segundo ano, alega ...ter obtido média seis em todas as cadeiras... O segundo ano já não foi tão fácil mas ele foi aprovado em todas as matérias e, em 1935, cursava o 3º ano, onde foi tão bem sucedido quanto no 1º ano pois, em requerimento datado de 28 de novembro daquele ano, solicitava aprovação independente dos exames orais por ter obtido média superior a seis, baseando-se em lei que lhe dava este direito. Deferido o pedido, Lauro passou para o 4º ano, tendo efetuado matrícula no dia 16 de novembro de 1936.

No 4º ano, Lauro Maia conseguiu aprovação nas cadeiras de Direito Comercial e Direito Judiciário Civil mas não atingiu a média, exigida pela Lei 9-A, de 12 de dezembro de 1934, em Direito Civil e Medicina Legal, nas provas parciais de junho e setembro. Por isto requereu sua matrícula condicional nas disciplinas que constituíam o 5º ano do Curso de Bacharelado, ficando a dever as matérias citadas que seriam feitas em segunda época, de acordo com o telegrama nº 48, de 12 de janeiro de 1937, endereçado ao diretor da Faculdade de Direito pelo Sr. Antônio Leal da Costa, que respondia pelo expediente da Inspeção Geral de Ensino Superior. Aprovado em uma das duas matérias, o pedido de inscrição definitiva estava solicitado no mesmo requerimento datado de 25 de fevereiro de 1937, sendo deferido pelo diretor interino Raimundo Gomes de Matos.

Quando cursava o 5º ano, Lauro Maia fez a prova de Direito Civil, que foi extraviada. Como seu nome constava da lista de chamada, requereu a opinião do Conselho Técnico, declarando que “se preciso for, não se negará a fazer uma outra prova”. Desta vez seu pedido foi indeferido em 16 de

novembro de 1937 por Raimundo Gomes de Matos. No mesmo mês, no dia 30, é aprovado na cadeira de Direito Civil ainda do 4º ano e requer inscrição na mesma cadeira referente ao 5º ano, em 2ª época, inscrição feita em 25 de fevereiro de 1938. Seu processo na Faculdade de Direito termina aí. Ao que parece Lauro não compareceu à prova e, escrito à mão e a lápis no requerimento indeferido já citado, está a palavra “desistiu”.

Com Lauro Maia estudaram, na Turma de 1937, Cândido Couto, Paulo Elpídio de Menezes Filho, Waldemar Ramos Leal, Waldir de Figueiredo Gonçalves, João da Rocha Moreira, José Colombo de Sousa, Walter Cabral, Edson Carvalho Lima, Licurgo Ferreira Nunes, Pedro Pinheiro Melo, Francisco Olavo de Sousa, João de Alencar Melo, Flávio Portela Marcílio, Édison Augusto Castelo Benevides Raimundo Ernani de Castro e Silva, Marcos Botelho, Murilo Mota, Francisco (Fran) Martins, Cláudio Martins, João Hipólito Campos de Oliveira, José Maria Campos de Oliveira, Everardo Correia Bezerra, Hilário Gaspar de Oliveira, Vicente da Mota Neto, Adroaldo Batista de Araújo, Francisco Autran Nunes, Joaquim Juarez Furtado, Raimundo Oliveira Borges (orador), Benoit Cavalcante Bittencourt, Luís Nodge Nogueira, José Cardoso de Alencar, Elmar Brígido e Silva, Walter Sá Cavalcante, José Cândido Cavalcante da Nóbrega, Raul Barbosa Carneiro, Hugo Frota de Magalhães Porto, Oton Silva Sobral, Vicente Francisco de Sousa, Manuel Gomes Sales, Wilson Gonçalves, Ewerton Dantas Cortez, Américo Barreira, Zacarias do Amaral Vieira, Lauro Maciel Severiano, Lauro Pinto de Mesquita, Valfrido Teixeira Chagas e José do Nascimento. O paraninfo da Turma de 1937 foi o Dr. Manoel Belém de Figueiredo, professor de Direito Comercial, Industrial e Judiciário Civil.

A Faculdade de Direito do Ceará à época da turma de Lauro Maia (1933-1937) funcionava no prédio da Assembléia Legislativa, no andar térreo, com entrada pela Rua Coronel (hoje General) Bizerril, de frente para a Praça General Tibúrcio. O Diretor era o Dr. Francisco de Menezes Pimentel que, ao assumir o Governo do Estado, foi substituído pelo Dr. Raimundo Gomes de Matos. O secretário era o Dr. Heitor Correia. Faziam parte do corpo docente o Dr. José Martins Rodrigues (Direito Civil), Benedito (Beni) Augusto Carvalho dos Santos (Introdução à Ciência do Direito), e Manuel Antônio de Andrade Furtado (Economia Política), além dos anteriormente citados. Vale a pena lembrar que a Assembléia Legislativa, situada nos altos do prédio ocupado pela Faculdade de Direito, só funcionaria, ao tempo da Turma de 1937, nos anos de 1935 a 1937, já que com a Revolução de 1930 tinha sido dissolvida, acontecendo o mesmo com o advento do Estado Novo de Getúlio Vargas, em novembro de 1937.

Para a festa de colação de grau da Turma de 1937, realizada no prédio da Escola Normal, Lauro Maia compôs a *Valsa do Ruby*, a qual não ouviu ser executada por encontrar-se ausente. A turma da

qual fez parte Lauro Maia foi a última a se formar no prédio da Assembléia, já que no início de 1938, no dia 12 de março, foi inaugurado o atual prédio da Faculdade de Direito do Ceará, na Praça Clóvis Bevilácqua, então Praça da Bandeira.

SAMBA DE ROÇA

Muito cedo Lauro Maia iniciou os estudos musicais pois tinha em casa uma das melhores professoras da capital, sua mãe Laura Maia Teles, de quem herdou não apenas o nome mas também o talento musical que iria mais tarde revelar a todo o país. O início do aprendizado de teoria musical se deu aos dez anos de idade contra a sua vontade e, por isso mesmo, a mãe desistiu de ensiná-lo, entregando a tarefa à professora Elvira Pinho, com quem Lauro estudou algum tempo, passando depois a ser aluno de Dona Chiquita Menezes. Lauro Maia só voltaria a estudar com Dona Laura quando o interesse pela música já era bem acentuado. Nesse período freqüentava o Colégio Cearense e, ao sair das aulas, passava no Cine Majestic, onde tocava ao piano algumas músicas de sua mãe e de outros compositores.

Um dia o pianista oficial da orquestra daquela casa exibidora adoeceu e o violinista Antônio Mouta, diretor da orquestra, convidou Lauro para substituí-lo. Lauro Maia ainda vestia calças curtas pois àquela época os meninos só usavam calças compridas após completarem 16 anos.

Lauro foi pianista da orquestra do maestro Antônio Moreira (Moreirinha), da orquestra do maestro Euclides Silva Novo e do Ceará Jazz. Por algum tempo tocou na sala de espera do Grêmio Dramático Familiar, dirigido por Carlos Câmara e situado no Boulevard Visconde do Rio Branco, nº 902.

Em 1936, Lauro Maia reuniu alguns rapazes do Liceu do Ceará, onde estudara, e formou uma pequena orquestra juntamente com Paulo Pamplona, Tarciso Aderaldo, Rui e Rubens Brito e Ivan Moreira do Egito. O Liceu ficava na Rua do Rosário, na Praça dos Voluntários, local hoje ocupado pela Secretaria de Segurança Pública. Era um prédio térreo, de cor verde escuro, com as armas da República no alto, tendo sido antes a sede da Polícia Militar do Ceará. Como o prédio atual, aquele também possuía duas frentes, uma para a Rua do Rosário e outra para a então Avenida Sena Madureira.

De acordo com depoimentos de parentes, Lauro Maia era menino dócil e obediente, além de revelar muita inteligência. O pai, Antônio Borges Teles de Menezes, morreu quando Lauro era ainda muito novo, cabendo a Dona Laura o papel de pai e de mãe. Apesar de dócil e obediente, Lauro Maia relutava em algumas coisas. Quando fardado só usava sapatos *fanabor* (de pano, brancos, com solado de borracha, vulcanizado) e nunca abotoava a túnica até o colarinho, a não ser para tirar retratos, deixando sempre dois ou três botões desabotoados.

Terminado o curso científico no Liceu do Ceará, Lauro Maia fez o vestibular e ingressou na

Faculdade de Direito, como vimos no capítulo anterior.

Em 1933, ano em que ingressou na Faculdade, Lauro começou a trabalhar na Seção de Contabilidade da Administração Central da Diretoria de Viação e Obras Públicas do Estado do Ceará, que funcionava na Praça da Alfândega. Deixou o cargo em 1945, ano em que transferiu-se definitivamente para o Rio de Janeiro, famoso pela divulgação de suas composições, muitas delas já gravadas em discos no sul do país. Quando deixou o emprego ocupava a função de Tesoureiro Padrão G. Foi na Diretoria de obras que Lauro conheceu o Conductor de 1ª Classe, depois desenhista, Descartes Selvas Braga, de quem falaremos mais adiante.

Em Fortaleza, Lauro abraçou o mundo das composições. A primeira música composta foi um fox, feito numa das mesas do Café Emygdio, na Praça do Ferreira. A música recebeu o título de *Chega Pia!*, aproveitando ditado muito em voga na época em Fortaleza. Lauro Maia fez também a orquestração do fox e sua execução era ouvida no Theatro José de Alencar durante os intervalos das peças teatrais.

Depois compôs *Não Te Quero Mais*, marchinha, cujos primeiros versos eram:

Não te quero mais

Vai, me deixa em paz

Não te quero

Vai suicidar-te

Aí tem fósforo e tem gaz.

Vale lembrar que era costume chamar de gás o derivado de petróleo cujo nome real é querosene.

Foram estas as duas primeiras composições de Lauro Maia.

Como as demais músicas inéditas geralmente não trazem datas, vamos citá-las de acordo com a ordem alfabética.

A Barca Virou;

A Engomadeira Lá de Casa, marcha:

Ai! A engomadeira lá de casa

Ai! Pra falar não perde vasa

Fala de Deus e o mundo
E tem um pesar profundo
Por não ter mais de quem falar
O ferro vem, o ferro vai
A engomadeira lá de casa
Ai! Pra falar não perde vasa
Calcule o que ela me disse
Que engoma muito barato
E a freguesia não paga
Mas desculpa mole é mato
Meu marido ganha pouco
É professor, só vive rouco

(E a outra diz)

O meu primo ganha pouco
É carcereiro, só luta com louco
E a outra tem um irmão
Que é abestado, não ganha um tostão

A Pequena da Quadrinha, marcha de difícil interpretação para o seu estribilho:

Eu conheci uma pequena sabida
Que era inteligente demais
E tinha sempre uma boa saída
Pra quando não gostasse de um rapaz
Escute esta e por aí tire a prova

E dê a nota que ela merece
A um seu pretendente pediu
Para essa quadrinha bem depressa dizer
O Bispo de Constantinopla
É bom constantinopolitanizador
Quem o desconstantinopolitanizar
Bom desconstantinopolitanizador será
O resultado foi o mais desastroso
A língua do razão enguiçou
E dizem até que foi preciso operar
E só com a operação ele falou
Os seus amigos que também pretendiam
Dessa pequena o amor obter
Ensaivavam o quanto podiam
A quadrinha do bispo, para um dia dizer:
O Bispo de Constantinopla
É bom constantinopolitanizador
Quem o desconstantinopolitanizar
Bom desconstantinopolitanizador será

Adeus ao Boêmio, valsa, com versos de Luiz Borba;

Águas Passadas, samba-rancho, feito para o carnaval de 1942 e lançado na PRE-9 pelo cantor Milton Moreira:

Não arranjei um *batente*

Ainda estou na vadiagem
Tenho pedido a muita gente
Pra ver se deixo a malandragem
Tenho fome...
Não sei como não me acabo
Se *ajo* pão me dão é xadrez
Só porque atrás do pobre anda o diabo
A vida é como um jogo de azar
Quanto mais a gente perde
Mais procura desferrar
E quando chega a sorte
O malandro está cansado
E vê que a morte
Não é *golpe errado*
Não sei o que devo fazer
Para poder esquecer
Pelas ruas vou andar
E quando estou cansado
Eu invoco uma cachaça
E vou curti-la
Nos bancos da praça.

Atrás do Pobre Anda o Diabo, samba;

O Barqueiro, marcha-frevo, parceria com Alfeu Piedade:

Olha a onda, devagar
Tome cuidado pra não vir
Vá por mim, sempre assim
Você não sabe nadar, nadar
O barqueiro, o barqueiro
Enfrenta a onda forte sem vacilar
E chegando a hora morre no mar... ôi!

Boneca, marcha, com letra de Turbay Barreira;

O Besouro, marcha:

Tá no meio da roda
O besouro zangão
Gente, muito cuidado
Vige! Que besourão
Zu-u-u! Olha o besourão
Zu-u-u! O besourão
Este besouro é cego
Ele não enxerga, não!
Vamos ver quem tem sorte
A levar o seu ferrão
Zu-u-u-u-u-u, zu-u-u-u-u-u-á!
Zu-u-u-u-u-u, zu-u-u-u-u-u-á!
Vá pro meio da roda
Oh! Besouro zangão.

Bilhar do Amor, marcha;

Cá Pra Nós, samba, em parceria com Kid Pepe;

Cadê a Melodia?, samba, concorreu juntamente com mais três composições suas no concurso de músicas carnavalescas para o ano de 1937, promovido pelo jornal “O Povo”, sobre o qual falaremos em capítulo específico;

Cara de Judeu, samba, foi depois gravado no sul, com modificações, e recebeu o título “Bati na Porta”, em parceria com Humberto Teixeira. Foi o *hino de guerra* da Escola de Samba Prova de Fogo no carnaval de 1942:

Bati na porta que cansei

Chamei, chamei, chamei

Ninguém, ninguém me respondeu

E eu fiquei com cara de judeu

(Qual é, ô meu?)

Voltei, voltei e fiquei contrariado

Tomei, tomei o caminho errado

Agora ando bebendo demais

Independente disso eu sou um bom rapaz.

Cartão de Visita, samba;

Chegada do Trem, marcha;

Clóvis, marcha, era assim:

Clóvis não tem emprego

E é um degenerado

Clóvis já teve emprego

E andava endinheirado

E agora a mãe é quem dá
Um cruzeiro por dia, chorando
E assim mesmo
Clóvis só anda embriagado
Para o Clóvis, só polícia
Não há, não há outro jeito
Quando a gente tem notícia
Já Clóvis está pelo peito
Oh! Mas como é que Clóvis
Abusa desse direito?

Como Hei de Conjugar, fox:

Nossa vida era antigamente bem melhor
Só nós dois num lar a conjugar
O verbo amar
Os tempos nós sabíamos de cor
Do indicativo ao infinitivo sem errar
Como era bom
Jamais esquecerei.
Sem aquele amor não viverei
Fico a meditar
Como hei de conjugar sofrer
Em vez do verbo amar
Se eu só aprendi

A primeira conjugação

E a segunda, não.

O Culpado Fui Eu, samba;

Cumpri Meu Dever, samba feito na época da Segunda Guerra Mundial, quando as músicas sobre a catástrofe eram uma constante. O Brasil ainda não tinha enviado forças para o combate mas já se falava nisso. Lauro então compôs:

Depois que eu voltei da *linha de frente*

E o batalhão inimigo foi derrotado pelo nosso

Que lutou heroicamente

Eu fiquei *cem por cento* mais acatado!

As pequenas

Quando eu passo pela avenida

Com a farda verde-oliva,

Falam comigo

Porque sabem que eu sou soldado...

Lutei como um danado

E aniquilei o inimigo...

A medalha de honra que eu trago no peito

É a prova de que eu cumpri o meu dever

Dizem que eu matei... mas que jeito?

Se o fim de um traidor é morrer?

Brasileiro só luta pelo direito

Brasileiro é justiceiro e leal

Sou brasileiro, portanto, respeito

O lema do Brasil, que é meu ideal

(O meu verdadeiro ideal grande).

Diga Uva, Diga, marcha-frevo;

Um livro de poemas intitulado *Reflexões*, escrito por Djalma Vianna, foi editado em Fortaleza, em maio de 1939. Existe um exemplar no Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro, com anotações do próprio Lauro Maia, que musicou alguns poemas, dizendo qual o ritmo de cada um dos que foram musicados e outras observações quanto a pequenas mudanças em alguns versos. ***E a Caridade?***, samba-choro é um deles:

É folha morta

Na árvore pujante da civilização

O pobre que se arrasta

Ai, de porta em porta

E estende a mão

Suplicando uma esmola

Para matar a fome que o estiola

Às vezes toca uma viola

Mas não há contemplação

Recebe quase sempre um doloroso não!

E a Felicidade?, fox é outro de Djalma Viana musicado por Lauro:

É utopia!

Cousa vaga... intangível... fugidia

Como um sonho qualquer.

Fementida bonança

Que se julga alcançar
Mas que nunca se alcança!
Porque feliz, na verdade,
Ninguém há de ser,
Um minuto sequer!

E a Fraternidade Universal?, marcha militar, da mesma série de poemas de Djalma Viana:

É um mito!
Um drama que parece real
E contudo se desfaz ao primeiro grito do interesse!...
O homem finge... encena...
Compila um tratado de paz.
Mas tudo falha...
A noite da mentira se descerra...
E ele, impassível como a esfinge,
Depõe a pena, empunha a metralha
E escreve com sangue uma página de guerra!

E a Justiça?, ópera, também da mesma série:

Na síntese, na essência da palavra,
É grande, altiva, forte, soberana!
Porém na aplicação
Traz o gérmen mortal da inconsciência humana.
O homem desalmado
Muita vez incrimina um inocente

E endeusa um celerado.

Somente a muito custo

Poder-se-ia achar alguém que fosse justo!

E a Moral?, valsa-opereta de Djalma musicado por Lauro:

Passou como a ilusão,

Morreu asfixiada

Sob o carro de fogo do progresso

Que leva a sociedade em franca disparada

Para a bacanal

De baixo preço...

Para a depravação!

E o Amor?, canção, é outro poema de Djalma Viana musicado por Lauro Maia:

O amor tão decantado é simplesmente

Uma afinidade espiritual

Que oferece ensejo

Para a permuta emocional de um beijo!

Ou mais precisamente,

É convenção social

Para o cumprimento

Da lei divina da procriação

Que se realiza pelo casamento!...

Adiante veremos outros poemas da série.

E o Soluço Não Passou, marcha:

Eu hoje amanheci com um soluço impertinente

Já estou aborrecido

Aborrecendo a toda gente

Tomei um banho frio

Tomei caldo quente

Tomei rapé, escalda-pé

Até chá de pente

Até minha prima Raquel

Me deu pra engolir

Uma bolinha de papel

Eu contei um, dois, três

Com água ela entrou

Mas o soluço não passou.

Eis o Meu Samba, samba, do qual trataremos mais adiante;

Era Boa Demais, samba;

Eu amei uma pequena

Que era boa demais

Toda vez que eu lhe beijava

Ela olhava prá traz

E acabava implorando

Quero mais

Quero mais

Quem ama é preciso ter cautela

O amor é coisa séria

Como na história da onça

Espírito de Porco, marcha:

Êpa! Saia da frente

Saia que eu quero passar

Não vá bancar o valente

Porque eu posso lhe machucar

Eu sou o tanque de guerra

Que vai pra guerra lutar

Eu sou o trem da Central

Que leva a gente pro lar

Eu sou o rei da floresta

Eu sou a fera do mar

Eu só não sou é de briga

Mas gosto de provocar

(Ê - ê - ê).

Eu e Ela;

Eu Sei de Tudo, samba com versos dirigidos a alguém que não conseguimos apurar:

Quando eu te vejo

Com esta pose de quem tem dinheiro

Eu fico todo embasbacado

E penso no passado

Conheço o teu princípio verdadeiro

Pois vivias num estaleiro
Dentro de um caçua
Chegaste aqui só com aquela roupinha
E puxando uma cachorrinha
E agora estás na alta roda
Como um bom rapaz
Mas Deus do céu, isto é demais.

Mas comigo a coisa é diferente
Modéstia à parte
Eu também sou inteligente
Pra cima de mim *farol*
Não adianta que tu venhas assim
Pois eu já sei qual é o teu fim
Queres subir demais
Tem calma rapaz
Eu tenho é dó de ti
Pelo que dizem por aí
Prefiro ficar mudo
Mas eu quero que tu saibas.

Eu Sei o Que é', marcha vencedora do concurso de músicas carnavalescas promovido pelo jornal "O Povo" em 1937 e do qual falaremos adiante;

Eu Sou Como São Tomé e

Eu Vi a Chica Boa, marchas concorrentes no mesmo concurso;

Fogo-Pagô, batuque na 1ª parte, e canção na 2ª parte:

I (Batuque)

Fogo-pagô!

Fogo-pagô!

A rolinha cantou

E a juriti bateu asas e voou

A jaçanã e a araponga

Ficaram cismando

Que era uma *nuvem*

De *pomba-de-bardo*

Que vinha voando

Das bandas do sul

E voaram também

Pelo céu azul

II (Canção)

Sob o vasto céu de anil

Do meu país é que se vê

Como é bela a natureza

Que Deus nos fez conhecer

Tudo é grande: dos sertões ao litoral

Eis porque o brasileiro

Tem razões pra se orgulhar

Pois quem vive nesta terra

É viver junto de Deus
Meu Brasil
Torrão sagrado
É por Deus abençoado
Tens o amor dos filhos teus.

Foi Uma Mulher, samba, composição de Lauro Maia dedicada ao bloco “O Que Fôe, Galinha”, de seu amigo Abner Brígido Costa, conhecido como Dr. Bié, para o carnaval de 1937:

Foi uma mulher
Que destruiu o meu castelo
Palacete tão belo
Que lá na vila
Eu mandei construir
Mas se Deus quiser
Ela um dia há de sofrer
Muito mais do que eu sofri
Mulher que não sabe amar
Que abandona o seu lar
Não merece cartaz
Juro por Deus
No meu colchão de algodão
Ela não deita mais.

Georgina, samba bem regional citando o bairro do Benfica, em Fortaleza:

Georgina

Georgina, minha filha

Por que é que tu choras, por que é?

Não faz esta cara tão feia assim, meu bem

Precisas ter confiança em mim

Este teu ciúme não justifica

Pois eu não conheço nenhuma mulher no Benfica

Ó Georgina

Não precisas chorar tanto

Pelo nosso amor

Acaba com esse pranto.

“*Jaú, Jaú*”, folclore, adaptação e arranjo de Lauro Maia;

Linda Serrana, marcha:

A linda serrana foi o meu primeiro amor

Foi ela quem me conquistou

Foi quem primeiro me beijou

E quando eu comecei a querer bem

A linda serrana me abandonou

Chorei, eu chorei

Quase morro de saudade

Tentei transformar o sonho em realidade

E quando eu comecei a querer bem

A linda serrana me abandonou.

Mas Que Bigode é Esse?, samba em parceria com Paulo Sucupira:

Mas que bigode é esse
Dessa alma de chacal
Pregado nessa cara
Que não se vê outra igual?
Ô que cara enferrujada
Ó que bigode imoral
O dono desse bigode
Faz até nojo dizer
Vivo, tem cheiro de bode
Calculem quando morrer
A própria terra não pode
O corpo dele comer.

O dono do bigode deve ter sido o ditador Adolf Hitler, no início de sua ascensão como chefe do III Reich, cujo modelo exótico de bigode foi muito imitado, inclusive por Lauro Maia.

Medalha de Ouro, samba, que foi depois modificado por Humberto Teixeira e gravado com o título *Deus Me Perdoe*. Na versão original era esta a sua primeira parte:

Eu já cheguei
Vim trazer o samba que eu fiz
Para apresentar
Ao sambista que vem lá do morro
E que tem valor
Receber a medalha de ouro
E depois voltar...

Apesar da letra já ter sido feita em função do Rio de Janeiro, pois em Fortaleza não há morros, Humberto Teixeira fez novos versos que serão mostrados, quando nos reportarmos ao *Deus Me Perdoe*, no capítulo O Balanceio Tem Açúcar.

Meu Relógio Não Faz Ku-Ko, marcha:

Você reclama sem razão, menina

Que não está na hora do batente

Eu digo e sei que você é grã-fina

Pois se acorda cedo fica impertinente

Você não tem *batente*

É de boa gente.

Eu não tenho cama, nem emprego, nem nada

Durmo na coxia, trabalhar ninguém me viu

Não tenho relógio que faz kuco-kuco

O meu despertador é um guarda civil

Você ainda xinga o coitado do maluco

Porque inconsciente vai dizendo kuco-kuco

O meu passarinho só faz prii-prii

É o sinal de: *Pira* que a cana vem aí!

Pirar, era sinônimo de ir embora e não como hoje se diz: endoidar.

“Na segunda parte o prii-prii é feito com apito de policial”, é a anotação de Lauro Maia que consta da cópia, com a letra da música datilografada e a observação manuscrita, pertencente aos arquivos do Museu da Imagem e do Som, do Rio de Janeiro.

Não Há Felicidade, canção-rumba, parceria com José Maria Mendes:

Não há felicidade neste mundo vagabundo!

A vida é uma gargalhada dolorida!...

A gente ri para tapear

Para esquecer, para não chorar

Eu sofro, tu sofres, ele sofre

E tudo porque Adão e Eva

Vestidos à bataclã

Perderam o juízo

E no paraíso

Comeram uma maçã.

Não Tenho Lágrimas, samba;

O Nosso Cruzeiro, samba, data de 1943:

Neste céu cheio de estrelas

Eu vejo quanto é bom ser brasileiro

Cheio de orgulho eu proclamo

A mulata: o nosso cruzeiro

A lua com o seu manto prateado

Olhando lá de cima faz *muamba*

Danada pra *pirar* do céu de anil

E vir cair no samba

Com as mulatas do Brasil

O sol também já fez sua proposta

Queria no seu reino uma mulata

Mas como o brasileiro não é *sopa*

Mandou como resposta a pergunta:

Com que roupa?

Ôi Jia, batuque-católé:

Ôi jia

Mora na beira do brejo

Ôi jia

Mora na beira do brejo

Quando chove a jia canta

Canta sempre esta canção

Quem canta seu mal espanta

Meu bem não diga que não

Ôi jia...

Quando chove a jia canta

Salta e pula de alegria

Meu avô quase se espanta

Do pulo que deu a jia

Ôi jia...

Quando chove a jia canta

Alegrando o meu sertão

E a saudade vem chegando

Dentro do meu coração

Ôi jia... etc.

“No coro, o *Ôi jia* pode ser dito por uma só pessoa enquanto o coro responde *Mora na beira do*

brejo, ou vice-versa”, conforme anotação do próprio Lauro Maia na cópia da letra encontrada nos arquivos do Museu da Imagem e do Som, do Rio de Janeiro.

Onde Está o Meu Apito? Que tinha o subtítulo de ***Cadê Joana?***, samba, com pequenas modificações, foi depois gravado no Rio de Janeiro com o título de ***Prova de Fogo***:

Cadê Joana,
Que não vem com a sopa?
E Mariana,
Que não traz minha roupa?
Não posso mais esperar, estou aflito
Onde está o meu apito, o meu apito?
Está na hora da escola de samba sair
Até já vieram me chamar
E eu ainda estou nessa agonia
Logo no primeiro dia será que eu vou faltar...
Joana, Mariana,
Eu tenho que a batucada marcar.

Orixá, maracatu com versos de Jorge Aires;

Pega o Gato Com Jeito, batuque, foi gravado no Rio com o título ***Olha o Gato***, trazendo algumas modificações:

Pega o gato com jeito que ele azunha
Logo vi que era o diabo desse gato
Que roubava as galinhas e comia os pintinhos
Mas agora ele paga tim tim por tim tim
Vou pegar esse gato que é ladrão

Amarrar esse gato com cordão
E matar este gato, agora não
Que fazer com este gato
Ai, não sabe não?
Dar um banho nesse gato com sabão
Jugar com esse gato, com tição
Botar dentro de um saco e soltar
Soltar
Lá no meio do mar.

Pó do Asfalto, samba-canção com letra de J. Portela. Encontramos, na relação de músicas do Serviço de Defesa do Direito Autoral (SDDA), um samba com o mesmo título, constando como autores Aldacir Louro, Linda Rodrigues e o mesmo J. Portela. Das duas, uma: ou Lauro Maia cedeu o samba para outros ou o próprio J. Portela aproveitou seus versos e outros autores colocaram nova melodia. A letra musicada por Lauro Maia é a seguinte:

Tu hoje vives no alto
Não vês o pó do asfalto
Que o vento leva em roldão
Que sobe, sobe mas sempre esquece
Que se o vento pára, ele desce
Volta de novo pro chão
Tu que subiste descendo
Vives por isto escondendo
Ao mundo, tua traição
Há um ditado que ensina

Que na fazenda mais fina
Fica a nódoa do pinhão
O teu perfume de rica
Tua alma não purifica
Nem teu passado desfaz
Tu podes comprar a vaidade
Mas o passado e a verdade
Isto não compras jamais.

Pólicia Secreta;

Praga de Urubu, samba-batucada, foi lançado pelos Vocalistas Tropicais para o carnaval de 1942, na PRE-9, quando o conjunto ainda não gravava no sul do país;

Quero Porque Quero, marcha;

Rebate a Peteca, batuque, é assim:

Rebate a peteca de lá, êi!
Que eu dou na peteca de cá, êi!
Não deixa a peteca cair, êi!
Não deixa a peteca parar, êi!
A peteca é um jogo bonito
É um jogo de honra, pra nós
Quem não dá na peteca e ela cai
Não merece usar faca no cós
O caboclo que perde a peteca
Não tem ligeireza pra briga

Não se meta em arruaça
Que o resultado é apanhar
Nossa roda não tem um caboclo
Que deixe a peteca cair
Quando cansa, o caboclo avisa
E tem a permissão para sair
Nosso jogo começa bem cedo
E a gente só pára pra comer
Ou então quando a nossa peteca
De palha de milho romper (Êi).

O Que é a Vida, Afinal?, valsa, melodia sobre poema de Djalma Viana publicado no livro *Reflexões*, de 1939 – Seguiam se os poemas *E a felicidade?*, *E o maior?*, *E a Caridade?*, *E a Fraternidade Universal?*, *E a Justiça?*, *E a moral?*, que vimos acima.

O Que é a Vida, Afinal?

Ânsias... impasses...
Convulsões...
Entrechoques de classes...
Tumultuar imenso
De uma luta renhida
Em que o mundo se empenha
Na ganância do ouro
E das posições!
Batalha alucinante

Em que o homem cai,

Tentando aniquilar o próprio semelhante...

E, tresloucado, resvala no sorvedouro do crime...

Ou se despenca no precipício

Onde germina e prolifera o vício!

Ria, samba em parceria com André Batista Vieira, o Melé dos 4 Ases & 1 Curinga:

Ria

Mas depois não vá chorar...

Rosinha, balaceio;

Salve o Balaceio, balaceio;

Salve-se Quem Puder, choro;

Sangrei, samba;

Saudades do Cariri, choro gravado por Lauro Maia juntamente com José Menezes de França “Zé Menezes” na PRE-9 (Ceará Rádio Clube), em acetato, no dia 18 de julho de 1942, com acompanhamento de conjunto de saxofones. Posteriormente, e já no Rio de Janeiro, **Saudades do Cariri** recebeu novo título, **Falsca**, sendo gravado por Heriberto Muraro em solo de piano, e por Violeta Cavalcante, já com versos de Penélope;

Serenata (Aos Olhos de Alguém), valsa com versos de Luiz Borba;

Sertãozinho - Ao Meu Amor”;

Sou Forçado, samba;

Tenha Dó do Meu Penar;

Torturas Fatais, valsa-canção em parceria com Jorge Tavares;

Três Horas da Madrugada, marcha lançada na PRE-9 (Ceará Rádio Clube), pelo cantor Milton Moreira, para o carnaval de 1942;

Vila Monteiro, samba em parceria com Aleardo Freitas, lançado através das ondas da PRE-9 pelos Vocalistas Tropicais e gravado em acetato no dia 16 de julho de 1942:

Foi lá em Vila Monteiro
Que eu gastei meu dinheiro
Na casa de uma nega
Que era pra lá de boa
Diziam que era à toa
Mas não era não
Deixei o meu dinheiro e o meu coração
Espere que eu já vou buscar
Aquilo que sem querer eu deixei
Jurei que não havia de voltar
Mas é que eu deixei o meu dinheiro
E o meu coração
E dizem que essa nega
Também tem pauta com o cão.

Volta, samba-canção.

Zombaste de Mim, samba-canção.

Lauro Maia ingressou na PRE-9 (Ceará Rádio Clube) em 1935, quando a emissora dos irmãos Dummar funcionava em um prédio da Rua Barão do Rio Branco, nº 1172, nos altos do Centro dos Retalhistas. Era componente do Quinteto Lúpar, nome formado pelas iniciais dos componentes que eram: Lauro Maia (piano), Ubiracy de Carvalho Lima (violão), Paulo Pamplona (violino), Antônio Fiúza Pequeno (violão) e Roberto Fiúza.

Depois, em 1936, a PRE-9 se mudou para a Avenida João Pessoa, no bairro das Damas, onde já funcionavam os transmissores. Lá esteve Lauro Maia como acordeonista da orquestra sob a batuta do

maestro Euclides Silva Novo. Faziam parte da orquestra os músicos: Dandão (contrabaixo), Emídio Santana (piston), José Felipe Nery - Chinês - (piston), Alexandre Sucupira (trombone de vara), Alcides Curinga (banjo), Paulino Galvão (violino), Arianisnia Galvão (piano), Lourival Serra (saxofone), Herculano Trigueiro (bateria), Luís Róseo (saxofone) e Francisco Alenquer (flauta).

Os artistas da época eram as cantoras Laura (Luri) Santiago, Altair Ribeiro e As Irmãs Gondim, os produtores: casal Álvaro Sá, os cantores: José Jatahy, Moacir Weyne, Milton Moreira, Jorge Tavares, Romeu Menezes, Victor Loyola, Mário Alves, Ildemar Torres, João Milfont e Moraes Neto e os músicos Nelson Alves, Alcardo Freitas, José Emygdio de Castro, José Menezes “Cavaquinho”, Aloísio Pinto, Kaúla, Zezé do Vale e Teófilo de Barros Filho.

Os locutores, chamados na época de *speakers*, eram José Cabral de Araújo, José Limaverde Sobrinho e, depois, Paulo Cabral de Araújo.

Em 1938, Lauro Maia assumiu a direção artística da emissora e passou a dirigir a orquestra. Em 1941 a PRE-9 (Ceará Rádio Clube) mudou-se das Damas para os oitavo e nono andares do Edifício Diogo, na Rua Barão do Rio Branco, e inaugurou suas ondas curtas (ZYN-6 e ZYN-7), ocasião em que realizou grande festa trazendo convidados especiais como Orlando Silva e Dorival Caymmi. Nesta época a direção artística passou para Dermival Costalima.

No carnaval, Lauro Maia sempre esteve presente, ora à frente do Jazz PRE-9, no Clube dos Diários, ora compondo para os blocos ou prestigiando as agremiações com sua presença. Em seu período como diretor, o Jazz PRE-9 tinha a seguinte formação: Paulino Gavião (violino), Luís Róseo e Silva (saxofone), Aristóteles Ribeiro (saxofone), Lourival Serra (saxofone), Antônio Cassundé (contrabaixo), Raimundo Nonato (pandeiro), Alexandre Sucupira (trombone de vara), José Felipe Nery “Chinês” (piston), Emídio Santana (piston), Moacir Ribeiro, Osvaldo Lima e Andrade Júnior “Canelinha” (ritmo e megafone), Osvaldo Gaúcho (bateria), Alcides Curinga (banjo) e Lauro Maia (direção, acordeon e piano).

Em 1942 sai pela primeira vez no desfile carnavalesco a “Escola de Samba Lauro Maia”, concorrendo com mais 18 blocos: “Os Jangadeiros”, “Nós Os Carecas”, “Escola de Samba Prova de Fogo”, “As Baianas”, “Tenentes do Inferno”, “Você Não Gosta de Mim”, “Bloco do Olinda”, “Zombando da Lua”, “Maracatu Áz de Ouro”, “Bando da Lua”, “Aldeia de Iracema”, “Não Quero Choro”, “Só Vai Quem Pode”, “Vou Porque Posso”, “Comigo é Na Virada”, “Piratas da Folia”, “Pode Ser?” e “Somos do Amor”.

Naquele carnaval os jornais publicaram o seguinte anúncio:

O carnaval chegou

Foliões a postos!

Brinquem à vontade

E tomem as Gotas Artur de Carvalho

(A salvação dos foliões)

Em todas as farmácias.

Nos clubes, foi proibido o uso do cloretil (lança-perfume) e também a participação dos súditos dos países do eixo, alemães, italianos e japoneses, já que estávamos em plena 2ª Guerra Mundial.

No mesmo ano, em agosto, houve o famoso quebra-quebra, quando populares invadiram casas comerciais e residências de estrangeiros, saqueando e chegando a incendiar algumas casas, entre elas as lojas “As Pernambucanas” e “Casa Veneza”.

A “Escola de Samba Lauro Maia”, ao contrário do que muitos pensam, não pertencia a Lauro. Foi iniciativa do músico Andrade Júnior “Canelinha”, que a fundou e dirigiu. O nome era uma homenagem ao grande compositor e amigo. A escola desfilou cantando e executando os sambas *Minha Escola de Samba*, de Luiz Assunção, e *Cara de Judeu*, de Lauro Maia do qual já falamos.

A “Escola de Samba Lauro Maia” era formada por Andrade Júnior “Canelinha” (líder), Lauro Maia Teles e Luiz Gonzaga Assunção “Luiz Assunção” (compositores e músicos), Fausto Vieira, Adel Lacerda, Pinheirinho, Osvaldo Felipe, José Maria, Flávio Neto, Manoel Xavier (surdos-marcadores), orientados por Luís Xavier, José Tampinha e José Romão (caixistas), Francisco de Assis, Assis Alves “Xixico”, Virgílio Sérgio, Vicente Felício, João Batista, Raimundo Nonato e Pinta Cega (pandeiristas), Aderson de Oliveira, Mundinho, Teodomiro Moraes, Enoque de Aguiar, Zé Pequeno, Nezinho, Vicente Coelho, Alfredo Pianista, José Bio e José Chagas (banjistas), Raimundo Araújo, J. Massaroca, Paulo Xavier, J. Barbosa e Alfaiate (ganzás), Antônio Araújo e Macacão (chocalhos).

Em 1942 a escola desfilou com calças brancas, camisas de meia e chapéus de palhinha. Abriu o desfile carnavalesco e foi o maior sucesso daquele ano.

Lauro Maia dirigiu por vários anos, na PRE-9 (Ceará Rádio Clube), o programa “Lauro Maia e Seu Ritmo”, onde apresentava ao piano músicas regionais do nordeste, principalmente ritmos da terra como o balanceio, o miudinho, o batuque, o xote, a ligeira e o coco.

A “Escola de Samba Lauro Maia” desfilou ainda nos carnavais de 1943 a 1945, chegando a sair, no último ano, com 51 participantes. Com a ida definitiva de Lauro para o Rio de Janeiro a escola, a partir de janeiro de 1946, passou a se chamar Escola de Samba Luiz Assunção.

EIS O MEU SAMBA

Em 1936 o jornal O Povo lançou concurso de músicas para o carnaval do ano seguinte, publicando no dia 19 de dezembro as instruções para a participação, repetindo-as no dia 22. Eram duas as categorias: samba e marcha, podendo cada compositor concorrer mais de uma vez. A entrega das composições teria que ser feita até o dia 30 de dezembro, em envelope fechado, a ser remetido ao Rio de Janeiro para julgamento por um abalizado compositor cujo nome só seria divulgado após o resultado do concurso.

Os primeiros lugares, para o samba e para a marcha, receberiam o prêmio de 1.000\$ (um conto de réis), pagos pelo Ideal Clube e os segundos lugares, 400\$ (quatrocentos mil réis), pagos pela Sociedade de Cultura Artística.

O julgamento das músicas inscritas ficou a cargo do compositor mineiro radicado no Rio de Janeiro, Ari Barroso, que entre as 28 composições concorrentes, 15 sambas e 13 marchas, escolheu como primeiro lugar, entre os sambas, *Eis o Meu Samba*, e entre as marchas, *Eu Sei o Que É*, ambas de autoria de Lauro Maia, letra e música. O segundo lugar entre as marchas coube a *Adeus, Morena*, de Luiz Assunção, e entre os sambas, *Samba do Inferno*, de Moacir Ribeiro de Carvalho.

No dia 9 de janeiro de 1937 a PRE-9 transmitiu, às 21 horas, com execução da orquestra do Ideal Clube da qual também fazia parte Lauro Maia, as quatro músicas premiadas. A entrega dos prêmios foi realizada na redação do jornal “O Povo”, no dia 13.

O primeiro lugar na categoria de marcha, *Eu Sei o Que É*, tinha os seguintes versos:

O que você quer

Eu sei o que é

Eu sei o que é

Não tenhas medo

Que eu não direi nada

Serei camarada

Se você quiser

Você não nega que é mulher

Mas o que você quer eu sei muito bem

Reparta o seu amor comigo

Que eu morro e não digo

Não digo a ninguém.

O primeiro lugar dentre os sambas, *Eis o Meu Samba*, foi considerado por Ary Barroso como *maravilha musical*:

Eu fiz este samba-canção

Chorando a minha dor

Chorando a minha dor

Dentro da sua melodia

Tem a desarmonia de um falso amor

Amei (Coro: Amei)

Chorei (Coro: Chorei)

A dor de uma ingratidão

Do amor que dominou meu coração

Não me lembro um só momento

Já está no esquecimento.

Lauro Maia disputou ainda, no mesmo concurso, com a marcha *Eu Sou Como São Tomé* e com o samba *Cadê a Melodia?*.

Para se ter uma idéia do nível do concurso, daremos a seguir as músicas concorrentes e seus respectivos autores, todos grandes músicos e letristas em atividade naquele período. Os sambas concorrentes foram:

Baianas Faceiras, de Olegário Mário (nº 1);

Meu Ideal, de João Gomes (nº 3);

Meu Sinal, de Cleóbulo Maia (nº 4);

Seca Não Há, de José Benevides (nº 6);

Dona Chiquinha, de Waldemar Garcia (nº 10);

Procurando Outro Amor, de Leão Manso (nº 12);

A Rolinha Num Palito, de Mozart Donizetti (nº 13);

Pierrô Desolado, de Luiz Gonzaga Assunção (nº 16);

É Feitiço, de J. Batista (nº 17);

Tudo na Mão, de Laís Alencar (nº 19);

Tristezas de Colombina, de Moacir Ribeiro de Carvalho (nº 21);

O Samba do Inferno, de Eloísa Borba (nº 22); e

Todo Namoro, de Lauro Vieira Mota (nº 23).

O número após cada música e nome do autor corresponde à ordem de inscrição no concurso. As músicas de Lauro Maia, às quais já nos referimos, receberam os números 24 a 27.

Vejamos agora a relação de marchas concorrentes.

Minha Tentação, de João Gomes (nº 2);

Cartão Especial, de Cleóbulo Maia (nº 5);

O Teu Ciúme, de Mozart Marinho da Silva (nº 7);

Vai Mostrar o Teu Valor, de Oscar Cirino (nº 8);

Quem Te Viu, Quem Te Vê, de Júlio Marinho (nº 9);

Adeus, Morena, de Luiz Gonzaga Assunção (nº 11);

Puxa, Puxa Meu Bem!, de José Rodrigues da Silva (nº 14);

Você Pode Entrar em Cena, de J. Aristóteles (nº 15);

Um Trono Por Amor, de Laís Alencar (nº 18);

Vou Pedir à Santa Rita, de Eloísa Borba (nº 20); e

Toutinegra, de Luiz Gonzaga Assunção (nº 28).

EU VI UM LEÃO

No ano de 1930 chegou a Fortaleza o funcionário da alfândega, Ponce de Leon, vindo transferido de Manaus. Logo suas condições de grande folião carnavalesco se fizeram notar e ele foi eleito “comandante das folias carnavalescas do Clube Iracema”, à época instalado no Palacete Ceará, onde hoje está a Caixa Econômica Federal, situado na Praça do Ferreira, principal praça da cidade. No Clube dos Diários imperava o Rei Eliezer I, Sei-Lá-Se-É, uma sátira a Hailé-Selassié, por muitos anos imperador da Abissínia, hoje Etiópia.

Em 1936, Ponce de Leon foi sagrado o primeiro Rei Momo do Ceará, apoiado por um grupo de jornalistas tendo à frente Daniel Carneiro Job, secretário do Rei, o Profeta da Cova.

Para o carnaval de 1941, Lauro Maia produziu a batucada ***Eu Vi um Leão***, em homenagem a Sua Majestade Rei Momo I e Único, Ponce de Leon.

Hoje eu vi um leão

Leão, leão

Mas não era um leão

Não era um leão

E o que era então?

Não digo, não

Tinha corpo de leão

Tinha juba

Juba de leão

Tinha cara

Cara de leão

Tinha boca

Boca de leão

Tinha pata

Pata de leão

Tinha unha

Unha de leão

Tinha cheiro

Cheiro de leão

Tinha ronco

Ronco de leão

Rooooomm!!!

Então era um leão

Não era, não

Mas então o que era

Não digo, não

Diga, diga, diga, diga

Diga, diga, diga, diga

Pois era o Ponce de Leão

Ai! Era o Ponce de Leão.

Depois, na sombra do sucesso da música, a música foi modificada e lançada em disco pelos 4 Ases & 1 Curinga, que já estavam gravando pela Odeon.

Em 1936, 1937 e 1938, foram para o Rio de Janeiro, com a finalidade de estudar, respectivamente, os jovens Evenor de Pontes Medeiros, André Batista Vieira (Melé) e Permínio de Pontes Medeiros, sendo irmãos o primeiro e o último. Em 1939 outro irmão foi juntar-se ao grupo: José de Pontes Medeiros.

Quando da formatura de Evenor, em dezembro de 1940, vieram todos a Fortaleza e, como faziam na Cidade Maravilhosa, apresentaram-se com o nome de Conjunto Cearense.

Em Fortaleza receberam a adesão de Esdras Falcão Guimarães (Pijuca), integrante do Conjunto Liceal. A convite de João Dummar realizaram algumas apresentações na PRE-9 (Ceará Rádio Clube). Como o apelido de André fosse Melé – Jogador que joga em muitas posições e, por isso, pode substituir qualquer companheiro – o jornalista Demócrito Rocha rebatizou o conjunto com o nome de 4 Ases e 1 Melé. Para a volta ao Rio de Janeiro, João Dummar doou os instrumentos necessários para uma boa apresentação.

Ao chegar de volta ao Rio, o conjunto fez sua primeira apresentação na Rádio Cruzeiro do Sul, passando depois para a Rádio Mayrink Veiga, onde César Ladeira trocou o nome de Melé para Curinga, já que no sul do país a palavra Melé não tem nenhum significado. Fernando Lobo levou-os para a Rádio Tupy, onde em apresentações no programa Boa Noite Para Você, cantavam músicas de autores cearenses e principalmente composições de Lauro Maia.

Em pouco tempo o grupo conseguiu realizar sua primeira gravação para a etiqueta Odeon, disco nº 12.066, com as músicas *Os Dois Errados*, marcha de Estanislau Silva, Álvaro Alves e Nelson Trigueiro, e *Dora, Meu Amor*, samba de André Batista Vieira (Melé) e Secundino Silva. O quinto disco do grupo já trazia uma composição de Lauro Maia, o batuque *Eu Vi Um Leão*.

Como a fama de Ponce de Leon fosse restrita a Fortaleza os versos foram modificados pelo próprio autor, ficando assim:

Hoje eu vi um leão)
Leão, leão)
Mas não era um leão)
Não era um leão) bis
E o que era então?)
Não digo, não)
Não digo, não, não digo, não)

Tinha corpo de leão

Tinha cara

Cara de leão

Tinha boca

Boca de leão

Tinha dente

Dente de leão

Tinha pata

Pata de leão

Tinha unha

Unha de leão

Tinha cheiro

Cheiro de leão

Tinha ronco

Ronco de leão

Rooomm!!!

Então era um leão!

Não era, não!

E o que era então?

Não digo, não!

Diga, diga, diga, diga

Diga, diga, diga, diga

Pois era a mulher do leão!

Ai! Era a mulher do leão!

É... É... Era a mulher do leão.

Como vemos, mudando de Ponce de Leon para “a mulher do leão” evidentemente a juba teria

que desaparecer pois leoa não tem juba. O sucesso desta música de Lauro Maia foi tão expressivo que houve repercussão internacional, com versões para o espanhol e o italiano.

A Edizioni Southern Music, de Milano, Itália, editou a partitura para canto e bandolim com versos em italiano e em espanhol sob o nº 2.054, em 1948, com os títulos *Yo Vi un Leon* e *Oggi Ho Visto Un Leone*, com a seguinte observação: “Testo originale e musica di Lauro Maia. Testo italiano di G. Giacobetti”.

Em 1953 - 1954 foi lançado na Inglaterra o catálogo geral da etiqueta italiana Parlophone. Entre as reedições de discos estrangeiros estão alguns brasileiros e, junto a estes, o de referência DP-146 com o batuque *Yo Vi un Leon*. No verso está *Tirrim, Tirrim*, ambas as gravações feitas pelo conjunto brasileiro “Cuatro Azes e Uma Coringha”.

Eu Vi Um Leão foi portanto a estréia de Lauro Maia, pois o disco é o documento musical mais importante, já que guarda a música, a letra e a interpretação da época, o que uma partitura não consegue fazer.

Em 1993 a gravação original foi reeditada no CD Equatorial 199.00.0015 "Lauro Maia – 80 anos", na faixa 16 e em 1994 no LP 12" Equatorial 111.000.197 "Lauro Maia - 80 Anos", Lado A faixa 2.

Em 1943, em Fortaleza, os membros do conjunto Vocalistas Tropicais fizeram um arranjo e transformaram a música de Lauro Maia em *Eu Vi um Ladrão*, sátira à Alemanha, que estava em guerra contra os aliados e vinha afundando navios brasileiros:

Hoje eu vi um ladrão

Ladrão, ladrão

Que não era um ladrão

Não era um ladrão

E o que era então?

Não digo, não

Tinha cara de ladrão

Tinha jeito

Jeito de ladrão

Tinha barba

Barba de ladrão

Tinha fala

Fala de ladrão

E o que era então?

Não digo,. não, não digo, não

Diga, diga, diga, diga

Ai! Era um soldado alemão

Em outubro de 1941 estive em Fortaleza, para inaugurar as ondas curtas do Ceará Rádio Clube, prefixos ZYN-6 e ZYN-7 e as novas instalações da rádio (PRE-9) nos 8º e 9º andares do Edifício Diogo, na Rua Barão do Rio Branco, no centro da cidade, o cantor Orlando Silva, o maior cartaz brasileiro naquele período. Orlando Silva trouxe algumas músicas que estava divulgando para o carnaval do ano seguinte, entre elas a marcha de Cristóvão de Alencar e Benedito Lacerda, **Chica, Chica Boa**, onde os autores procuravam por “uma garota que fugiu lá da Gamboa”, com “um ar de quem não é feliz e um sinalzinho bem na ponta do nariz”.

Lauro Maia aproveitando o sucesso da temporada de Orlando Silva, e conseqüentemente da marcha, compôs **Eu Vi a Chica Boa**, marcha-resposta:

Eu vi

Eu vi a **Chica Boa**

Mas não digo aonde foi

Porque não quero.

Eu vi

Eu vi a **Chica Boa** cantando

Lero-lero, lero-lero, lero-lero

A *Chica Boa* me reconheceu e disse:

- Até amanhã *meu camarada*

Não vá dizer que viu a *Chica Boa*

Que eu viro com você

Até de madrugada.

Outros sucessos trazidos por Orlando Silva foram *Lero-Lero*, marcha de Benedito Lacerda e Eratóstenes Frazão, e *Meu Camarada*, samba de Mário Morais, ambos também citados na música de Lauro Maia.

Para o carnaval deste ano Lauro compôs a marcha *Xô, Peru*, gravada anos depois pelo cantor Déo e com algumas modificações na letra feitas por Humberto Teixeira, como veremos mais adiante.

Eu já criei um peru

Que tinha a mania

De ser tenor

Ele era burucutu

Brigava com o galo

Que era um horror

O seu despeito era tanto

Que as aulas de canto

Não tinham mais fim

Era preciso eu gritar:

-Xô, peru! Xô, peru!

E ele com raiva dizia:

- Gló - gló - gló - gló

E a galinha se ria:

- Có - có - có - có - có - có

E a pintarada entoava

Por uma boca só:

- É no domingo 23, peru

Que vai chegar a tua vez!.

Em 1994 a gravação original foi reeditada no LP 12" Equatorial 111.000.197 "Lauro Maia - 80 Anos", Lado B faixa 5.

Ainda para o carnaval de 1942, Lauro Maia fez o samba-rancho *Águas Passadas*, lançado na PRE-9 pelo cantor Milton Moreira; e o “samba do barulho” *Praga de Urubu*, criação dos Vocalistas Tropicais na mesma rádio, única então existente em Fortaleza.

Em parceria com Milton Moreira, Lauro compôs a marcha *Três Horas da Madrugada*, criação do próprio Milton na mesma emissora.

Também em 1942 foi feito o relançamento da batucada *Eu Vi Um Leão*, com os versos originais, em homenagem ao Rei Momo I e Único, Sua Majestade Ponce de Leon.

TREM DE FERRO

Como vimos no capítulo anterior, a primeira composição de Lauro Maia a ser lançada em gravação comercial foi o batuque *Eu Vi Um Leão*. A segunda foi o samba *Prova de Fogo*, feito em Fortaleza com o título de *Cadê Joana* ou *Onde Está o Meu Apito?*, para o bloco Prova de Fogo, onde Lauro Maia brincava antes de existir a escola de samba com seu nome.

Da mesma forma que a primeira, *Prova de Fogo* também foi gravada pelos 4 Ases & 1 Curinga.

Prova de Fogo!, fogo, fogo (4 vezes)

Cadê Joana

Que não vem com a sopa?

E Mariana

Que não traz minha roupa?

Não posso mais esperar

Estou aflito

Onde está o meu apito?

O meu apito?

Já é hora do Prova de Fogo sair

Até já vieram me chamar

E eu ainda estou nessa agonia

Logo no primeiro dia

Será que eu vou faltar?

Joana! Mariana!

Eu tenho que a batucada marcar.

Quando Lauro Maia ainda estava no Ceará, em andanças pelo interior do Estado, ouviu no Crato uma música que muito lhe agradou, o que o fez tentar encontrar o autor daquela composição.

Contaram-lhe então uma lenda em que alguns músicos, ao voltarem de uma festa, passaram por uma vazante de capim e aí fizeram uma parada. Os capinadores pediram que tocassem algo e como o tocador de ganzá era repentista, entoaram uma embolada cujo título era *Fan Ran Fun Fan*. Lauro fez uma adaptação dos versos e copiou a melodia que foi gravada pelos 4 Ases & 1 Curinga, pelo selo Odeon, constando seu ritmo como xote-estilizado e com o título de *Fan Ran Fun Fan*.

O xote a capim pubo

Só se dança figurado

Dança dez e dança vinte

Mas é tudo impareiado!

Dança direito

Não lhe pise na chinela

Cuidado com a menina

Que senão fica sem ela.

Dança, dança

Dança comadre, que é bom!

Dança, dança

Dança comadre, que é bom!

Dança Maricota

Fia do coroné

Dança o Zé Potoca

Com a comadre Izabé

Dança, dança

Dança meu povo, que é bom.

Ainda em 1943, Lauro Maia consegue gravar uma música de sua autoria com o cantor Orlando

Silva, o samba-choro *Febre de Amor*. Na gravação, Orlando Silva tem o acompanhamento de um quarteto de saxofones. Em 1978, a gravação foi reeditada no Lp Orlando Silva Nos Anos 40, lançado pela gravadora Odeon (EMI).

Você tem uns olhos
Que falam de amor
De um amor que não tem par
E você tem no olhar
Um quê de pedir
Um quê de matar
Uma atração de embriagar
Você quando olha
Para o céu ou para o chão
Eu sinto uma coisa
Dentro do meu coração
Não é alegria, nem tristeza, nem prazer
Eu não sei dizer (ó não)

Eu fico pensando
Que estou delirando
Com febre de amor (ôô, ôô)
Com o corpo cansado, magnetizado
De tanto calor (ôô, ôô)
Depois a onda passa
E eu sinto que a minha força

Ficou mais escassa

E vou procurar

Por esse motivo

Um bom lenitivo

Para o seu olhar

Ainda hei de encontrar.

Em 1977 a gravação original foi reeditada no LP 12" Odeon Coronado 052-422066 "Orlando Silva nos anos 40", Lado A faixa 2; em 2003 no CD Revivendo RVCD-201 "Na Roda do Samba", faixa 06.

Para encerrar a safra das composições de Lauro Maia, no ano de 1943, a Odeon lançou a marcha *Trem de Ferro*, em gravação dos 4 Ases & 1 Curinga.

O trem

Blim blão blim blão

Vai saindo da estação

E eu (ê ô)

Deixo o meu coração

Com pouco mais

Com pouco mais

Com pouco mais

Lá na gare o meu bem

Acenando com o lenço

Bandeira da saudade

Muito além.

Acelera a marcha

O trem pelo sertão
Eu só levo saudade no meu coração
Lá na curva o trem apita
Desce a serra e a saudade aumenta
Uma coisa me atormenta
Vem falar do meu amor.
(Que dor).

Trem de Ferro foi composta bem antes da época de sua gravação pelos 4 Ases & 1 Curinga e, em Fortaleza, foi lançada pela PRE-9 (Ceará Rádio Clube) com a interpretação de Luri Santiago e Conjunto Liceal, constituindo-se um dos grandes sucessos de Lauro Maia na capital cearense. Lauro designava o ritmo como marchinha regional.

Em 1988 foi reeditado no LP 12" Revivendo LB-08 "Trio de Ouro/Joel & Gaúcho/Ataulfo Alves/4 Ases e 1 Coringa", no lado B faixa 6 e em 2002, no CD Revivendo/Siemens RVCPT-500 "Um trem uma saudade", na faixa 09.

Em 1944, apenas dois discos apresentaram composições de Lauro Maia, sendo ambos lançamentos da gravadora Odeon: *Palminha de Guiné*, marcha, e *Bate Com o Pé no Chão*, samba, interpretados pelos 4 Ases & 1 Curinga.

Palminha de Guiné, marcha infantil

E o bebê está chorando (coén)

E a mamãe tá cantando:

- Dorme filhinho

Dá palminha de guiné

Pra quando papai vier.

O papai foi trabalhar

Mas quando papai voltar
Vai trazer um maracá
Para o bebê se calar (Pra se calar)
Papai quando voltou
Esqueceu o maracá
E o bebê se zangou (e agora?)
E começou a gritar.

Bate Com o Pé no Chão, samba:

Bate com o pé no chão, oi Maria)
Bate, que eu quero ver)
Quando bate com o pé no chão) bis
Ai, ai, eu penso que vou morrer)
Quando ficas zangadinha
Somente por me querer
E bate com o pé no chão, oi Maria
Eu sinto não sei o quê
O meu corpo treme todo
Eu penso que vou morrer
Assim mesmo bate, bate, Maria!
Bate, que eu quero ver!.

Em 1994 ***Bate com o pé no chão*** foi reeditado no LP 12" Equatorial 111.000.197 "Lauro Maia - 80 Anos", Lado A faixa 7.

O BALANCEIO TEM AÇÚCAR

Em 1945, Lauro Maia, com sete músicas já gravadas, sendo uma por Orlando Silva, entusiasmou-se e foi definitivamente para o Rio de Janeiro, largando o emprego na Diretoria de Obras, a Escola de Samba e a vida de músico em sua terra. A partir daí sua produção fonográfica se intensifica, os discos são mais trabalhados e surge a parceria com seu cunhado Humberto Teixeira.

Lauro Maia, quando mudou-se para o Rio, já era casado com Djanira Teixeira, irmã do compositor Humberto Teixeira, cearense de Iguatu, a quem Lauro ainda não conhecia pessoalmente.

Chegando à Capital Federal de então, Lauro conheceu Humberto, nascendo daí uma grande amizade e uma talentosa parceria. Humberto Teixeira já havia conseguido gravar algumas de suas criações, como *Dona Santa Não é Santa*, marcha, parceria com Caio Lemos; *Altiva América*, samba, parceria com Esdras Falcão; *Racionamento*, samba, parceria com Caio Lemos; *Natalina*, samba, parceria com Esdras Falcão; e os sambas *Morena dos Meus Sonhos* e *Agradece a Deus*, parcerias com Carlos Barroso.

Em 1945, Lauro Maia lançou mais duas composições com letra e música de sua autoria. *Cachimbo de Barro*, samba, e *Gosto Mais do Swing* (A César o Que é de César), fox, ambas gravadas pelos 4 Ases & 1 Curinga.

Cachimbo de Barro, samba:

Dona Teresa tem um pigarro)
De tanto fumar em cachimbo de barro) bis
Deu uma cachimbada
Deu outra cachimbada
E gostou tanto do cachimbo)
Que cachimba sem parar) bis
Teresa parece velha
Tem uma funda na boca
E Teresa quando moça

Era uma coisa louca

Mas bem cedo viciou-se

No tal cachimbo de barro

E já fazem muitos anos

Que Teresa engole sarro

Ela tem cinqüenta anos

Mas se não fumasse demais

Talvez hoje aparentasse

Uns quarenta ou poucos mais...

(Fumar é um prazer, demais, faz mal) na melodia do tango.

Gosto Mais do Swing (A César o Que é de César), fox, feito para interpretação feminina e modificado para a gravação:

Não vou cantar um fox-blue

Nem vou dizer I love you

Eu sou moreno brasileiro

Por isso mesmo verdadeiro

Pra que negar, pra que mentir

Como esta gente por aí

Que diz que o fox

Fere o seu ouvido

Que só prefere Debussy

Eu já não sou assim

Vou falar por mim:

Nasci e sou do samba
Mas eu gosto é do *swing*
Eu tenho a alma do fox dentro em mim
Não gosto de ópera
Por melhor que se toque
Bom mesmo é escutar o *Lambeth Walk*
Vejam bem que o fox ritmado *dá no couro*
É melhor que uma valsa lenta e cheia de choro
Pois o *swing* dá de fato verdadeira vibração
Quando o *jazz* rasga a música lá no canto do salão

A César o que é de César

Vamos ser imparciais

Gosto do samba

Gosto da valsa

Gosto do tango

Mas do *swing* eu gosto mais.

Era a época da Segunda Guerra Mundial, da Política da Boa Vizinhança, da invasão dos americanos em todos os países do mundo. A influência de sua cultura se exerceu ainda com maior penetração, principalmente no meio artístico, já que as músicas norte-americanas eram divulgadas pelo cinema, na época o maior veículo de propaganda americana, através dos musicais.

Em 1941, Alcardo Freitas e Lauro Maia mostraram a Orlando Silva e a Dorival Caymmi suas composições, recebendo dos dois artistas o conselho de divulgar os ritmos regionais. Na opinião de Orlando e Caymmi, as produções dos cearenses estavam muito *cariocas*. Alcardo Freitas compôs então uma música com o título de Tiririca, trazendo um ritmo sertanejo muito próximo do baião mas apresentando um *tempo roubado* nos compassos. Era uma criação dele com a parceria do ritmista Danúbio Barbosa Lima, ex-integrante do Conjunto Liceal e que, à essa época, participava dos

Vocalistas Tropicais, conjunto que gravou a música de Aleardo em acetato. Ao novo ritmo foi dado o nome de balanceio, ao qual Lauro Maia logo aderiu.

Em 1945, Lauro Maia levou ao disco, por intermédio dos 4 Ases & 1 Curinga, o primeiro balanceio lançado nacionalmente: *Eu Vou Até de Manhã*. A música obteve grande sucesso no Cassino Atlântico, onde Lauro Maia se apresentava como pianista.

Oi balancê balançá)

Balança pra lá e pra cá)

Eu vou até de manhã) bis

Só nesse balanciá)

Quem balança com jeito há de gostar

Dançando, dançando, não quer mais parar

O camarada fica mole, fica mole, mole) bis

Outro dia a charanga do Zequinha

Tocou balanceio a noite inteirinha

O fole velho ficou rouco, ficou rouco, rouco) bis

A música já tinha sido bastante divulgada em Fortaleza, com os versos originais só de Lauro, contendo algumas diferenças. O estribilho era o mesmo e o restante era:

Quem balança com jeito há de gostar

E se a nega for boa não quer mais parar

E o cabra chega fica mole, fica mole, mole, mole

Outro dia eu subi lá no moinho

Só dancei catolé, balanceio e miudinho

E o fole véio ficou rouco, ficou rouco, rouco.)bis

No ano de 1994 *Eu Vou Até De Manhã* foi reeditada no LP 12" Equatorial 11.000.197 "Lauro

Maia - 80 Anos", Lado B faixa 3.

No suplemento da gravadora Odeon, do mês de abril de 1945, constava a valsa ***Quando Dois Destinos Divergem***, gravada por Orlando Silva com acompanhamento da Orquestra Odeon sob a direção de Lírio Panicalli. Esta gravação foi realizada no dia 9 de março de 1945. O sucesso da valsa foi estrondoso, a ponto da matriz estragar-se devido ao uso. Em 1955, Orlando Silva voltou aos estúdios da Odeon para regravá-la. Entre as gravações e os lançamentos decorreram dez anos, com diferença de apenas alguns dias.

Quando Dois Destinos Divergem, valsa:

Acaso poderás dizer qual de nós é culpado
E qual a razão de tudo ter desmoronado
Nossa vida é agora um verdadeiro caos
Sombreada por incrível solidão
E pontilhada só de pensamentos maus
Não sei se vale mesmo a pena assim continuarmos
Creio que melhor seria agora terminarmos
Pode ser que encontremos a felicidade
Aquele que nós almejávamos
E que fugiu de nós
Foi árduo o meu trabalho em querer fixar
Uma amizade pura, sem mácula
Mas quando dois destinos divergem
Todos os castelos logo submergem
No oceano tão profundo desta vida
É difícil, bem difícil essa vida

Só nos resta agora esperar

Pra ver se algum dia

Na estrada da vida, ao acaso

Eles vão se encontrar.

Existe uma impropriedade na segunda parte desta valsa. As frases literárias não concordam com as frases musicais. No 17º compasso, quando os versos dizem “Todos os castelos logo submergem no oceano tão profundo desta vida”, uma frase musical termina no “submergem” e a outra tem início em “no oceano”, tornando a frase sem sentido, como se fosse “No oceano tão profundo dessa vida/ É difícil, bem difícil essa vida”.

Em 1977 a gravação original foi reeditada no LP 12" Odeon Coronado 052-422066 "Orlando Silva nos anos 40", Lado B faixa 3.

Ainda na sombra do sucesso da valsa, Mário de Azevedo gravou-a em solo de piano.

No suplemento de agosto do mesmo ano, Lauro Maia lançou mais um ritmo: a ligeira. A gravação foi feita pelos 4 Ases & 1 Curinga, sendo o título da música *A Ribeira do Caxia*.

Ai, a Ribeira do Caxia)

Nunca achei, tomara achar) bis

Ai, tanto faz dar na cabeça)

Como na cabeça dar)

Ai, a roda pequenina

Faz a grande se danar

Ai, rodo eu, roda você

Roda quem se atravessar

Roda o vento e roda a lua)

Roda a terra e roda o mar) bis

E a orquestra agora roda)

Pra você rodopiar) bis

Trá lá lá lá lá lá lá) 4 vezes

Lá lá rá rá rá rá) 4 vezes em ritmo de balanceio

Quem não gosta de ligeira)

De que diabo vai gostar) bis

Ai, a ligeira é muito boa)

Pra quem sabe apreciar)

Ai, falar pra quem não entende

É mesmo que não falar

Ai, pegue numa ponta ou na outra

Faça um “b” que eu faço um “a”

Nunca soube o que é escola)

Mas eu sei assoletrar) bis

M: Moça; G: Galante,

D: Donzela e C: Sinhá.

Nesta música constavam mais dois versos, que não foram gravados:

Ai, eu sozinho dou na bola

Pra quatro ou cinco jogar.

“Versos de Lauro Maia e arranjo sobre motivo folclórico”, foi a observação do próprio Lauro na partitura original.

Em setembro de 1945, no suplemento da gravadora Continental, consta uma música de Lauro Maia, o samba intitulado *Olha o Gato*, com gravação do conjunto vocal Namorados da Lua, cujo crooner era o cantor Lúcio Alves. A composição original, como vimos anteriormente no capítulo Samba de Roça, tinha o título de *Pega o Gato Com Jeito* e, para esta gravação, foram feitas pequenas

alterações na letra.

Olha o Gato, samba:

Pega o gato com jeito

Que ele azunha

Logo vi que era o diabo desse gato

Que roubava as galinhas

Comia os pintinhos

Mas hoje ele paga tim-tim por tim-tim

Vou pegar esse gato

Que é ladrão

Amarrar esse gato

Num cordão

E matar esse gato

Agora não

Que fazer com esse gato

Eu não sei não

Dar um banho nesse gato

Com sabão

Sapecar esse gato

Com tição

Botar dentro de um saco

E soltar

Lá no meio do mar

Deixa o bicho gritar

Miau, miau.) bis

A gravação original de *Olha o Gato* foi reeditado em 1993 no CD Equatorial 199.00.0015 Lauro Maia 80 Anos", na faixa 19 e no ano seguinte no LP 12" Equatorial 111.000.197 "Lauro Maia - 80 Anos", Lado B faixa 1.

No mesmo suplemento vinha o disco trazendo em ambas as faces a composição de Humberto Teixeira, *Terra da Luz*, na interpretação do cantor Déo, com acompanhamento da Orquestra de Napoleão Tavares na face A, e a participação do Coro dos Apiacás. Na face B estava o mesmo samba, ou fantasia, também cantado por Déo e o Coro dos Apiacás, desta feita com acompanhamento do Quarteto Brasil, formado por José Menezes de França “Zé Cavaquinho”, Luperce Miranda, Artur Nascimento “Tute” e Norival Carlos Teixeira “Valzinho”, com arranjo de Lauro Maia.

No mês seguinte é lançado o samba-choro de Lauro Maia em parceria com Humberto Teixeira, *Samba de Roça*, primeiro de uma série da dupla de cearenses, na voz de Orlando Silva com acompanhamento de Abel Ferreira e seu Regional e ainda a participação de Raul de Barros no trombone.

Sambei num samba dos bons)

Sambei até o sol raiar)

Sambei não me sinto cansado) bis

Sambei um bocado)

Sambei de rachar)

Quem samba num samba de roça

Em pobre palhoça

Só pode gostar

Lá eu tenho uma bela cabocla

Que tem uma boca

Parece um cajá.

Quem samba num samba de *nêgo*

Naquele chamego

Não quer mais parar

Não topo a eletricidade

Eu sou da claridade

Da luz do luar!...

Antes, ainda em Fortaleza, o samba era somente de Lauro Maia e os versos da primeira parte eram idênticos aos da gravação. Os demais versos eram:

Quem samba, quem tira patente

Num samba que a gente

Costuma virar

Quem samba num samba de roça

Em pobre palhoça

Bebendo aluá

Quem samba num samba de *nêgo*

Naquele chamego

Não quer mais parar

Não topo com a eletricidade

Sou da claridade

Da luz do luar.

Na roça eu sou bacharel

Todos tiram o chapéu

Quando me vêm passar

Lá eu tenho uma bela cabocla
Que tem uma boca
Parece um cajá
Por isso é que hoje eu lhe digo
Não conte comigo até o sol raiar
Desculpe que já vou me embora
Já passa da hora, não posso ficar.

Em 1993 a gravação original foi reeditada no CD Equatorial 199.00.0015 "Lauro Maia 80 anos", faixa 17; em 1994 no LP 12" Equatorial 111.000.197 "Lauro Maia - 80 Anos", Lado A faixa 3; e em 1996 no CD Revivendo RVCD-105 "Noutros tempos... éramos nós", faixa 3.

Orlando Silva gravou, ainda de Lauro Maia, em 1945, *Só Uma Louca Não Vê*, samba também em parceria com Humberto Teixeira, trazendo o acompanhamento de Fon-Fon e sua Orquestra.

Louca
Nunca houve um amor igual ao meu
Louca
Só você que não compreendeu
Hoje
Você fala de um mal que eu não fiz
Louca
Eu tentei fazer-te muito feliz.
Se foi um mal encontrar
Quem me tratasse melhor
Se erro foi eu deixar
Um bem por outro maior

Então confesso que errei
Pois arranjei outro alguém
Só uma louca não vê
Que eu agi muito bem.

A gravação original foi reeditada em 1989 no LP 12" Revivendo LB-025, de Leon Barg, "Poema Imortal", Lado A faixa 4.

Ainda composto em Fortaleza, com o título *Medalha de Ouro*, foi gravado por Ciro Monteiro o samba *Deus Me Perdoe*, com versos de Humberto Teixeira, para o carnaval de 1946. O acompanhamento coube a Benedito Lacerda e seu Regional.

Deus me perdoe
Mas levar essa vida que eu levo é melhor morrer
Relembrando a fingida mulher que me abandonou
Eu aumento a saudade que tanto me faz sofrer
Se ela quizesse voltar eu perdoava
Se ela voltasse na certa recordava
O bom tempo feliz que ficou, ficou pra trás
Tenho sofrido bastante
Não posso mais (Ai! Meu Deus).

Deus Me Perdoe foi uma das músicas mais cantadas no carnaval de 1946, sendo o primeiro grande êxito carnavalesco de Lauro Maia e conseqüentemente o primeiro da dupla Lauro-Humberto.

Em 1967 a gravação original foi reeditada no LP 12" RCA Camden CALB 5108 "Reminiscências Vol.6", Lado A faixa 4; em 1990 no LP 12" Revivendo LB-052 "Carnaval de Ouro", Lado B faixa 1 e em 1998 no CD Revivendo 078 "Carnaval, Vol. 15", faixa 17.

No ano seguinte, 1947, Lauro Maia e Humberto Teixeira teriam mais uma música lançada por Ciro Monteiro, outro samba nos mesmos moldes, o mesmo tema, melodia muito parecida, tentando

reeditar o sucesso anterior. Para frustração da dupla o samba *Tenha Dó de Mim* não teve o êxito conquistado por *Deus Me Perdoe*. Sobre *Tenha Dó de Mim* falaremos no capítulo Poema Imortal.

A Continental lançou, em 1946, três músicas da dupla Lauro Maia-Humberto Teixeira: *Xô Peru*, marcha: *Bati na Porta*, samba, e *Margarida*, marcha. *Xô Peru* já era conhecida no Ceará bem antes da parceria com Humberto Teixeira, como vimos em capítulo anterior. As modificações foram poucas. A gravação é do cantor Déo com acompanhamento de Napoleão e seus Soldados Musicais e constituiu-se num dos grandes sucessos do carnaval daquele ano, denominado de Carnaval da Vitória por ser o primeiro do pós-guerra.

Xô Peru, marcha:

Eu já criei um peru
Que tinha mania de ser tenor
Parecia um brucutu
Brigava com o galo que era um horror
O seu despeito era tanto
Que as aulas de canto não tinham mais fim
Era preciso gritar: Xô peru! Xô peru!
Ele com raiva rodava: Glu, glu, glu, glu
E a galinha zombava: Có, có, ró, có, ró, có, có
E a pintarada entoava
Por uma boca só
É no domingo 23, peru
Que vai chegar a sua vez.

Por iniciativa de Calé Alencar, em 1994 a gravação original foi reeditada no LP 12" Equatorial 111.000.197 "Lauro Maia - 80 Anos", no Lado B faixa 5.

Bati na Porta, samba, tinha no Ceará o título *Cara de Judeu* mas, como ainda recentemente havia terminado a guerra e o povo semita fora a grande vítima dos massacres nazistas, os versos foram

modificados para não revelar nenhuma ofensa ou preconceito.

Bati na Porta, em parceria com Humberto Teixeira, foi gravado pelo conjunto Os Trovadores, que deve ter sido muito bem orientado por Lauro Maia pois conseguiu traduzir na gravação o ritmo exato do samba-batucada feito no Ceará.

Bati na porta que cansei)

Chamei, chamei, chamei)

E ela não me atendeu) bis

Mas que mulher)

Sabendo que era eu)

Nem respondeu)

Voltei, voltei contrariado

Tomei, tomei o caminho errado

Agora eu ando bebendo demais

Independente disso

Eu sou um bom rapaz!

Margarida, composição de Lauro Maia e Humberto Teixeira, é uma marcha de roda, gravada por J. B. de Carvalho com acompanhamento de Benedito Lacerda e seu Conjunto.

Eu só tive até agora

Dois amores na vida

O primeiro foi a Rosa

E o segundo, Margarida

Ai, Margarida)

Gosto muito de você)

Mas sou pobre, pobre, pobre) bis

E casar não pode ser)

Muito tempo foi a Rosa

Quem mandou na minha vida

Mas depois dum desatende

Me entreguei à Margarida.

Depois Humberto Teixeira aproveitaria a melodia do estribilho na composição que fez com Luiz Gonzaga, *Xanduzinha*.

Em fevereiro de 1946, a Odeon lançou mais três músicas de Lauro e Humberto: *Juvenal*, samba-batucada; *Mariposa*, marcha-rancho, e *A Marcha do Balanceio*, marcha.

Do encontro de Lauro Maia com Humberto Teixeira nasceu uma parceria que podia ser feita com letra e música dos dois, letra de um e música do outro ou apenas o burilamento de alguma composição de Lauro Maia já pronta desde sua época no Ceará. Mas acontecia também a parceria graciosa, como em *A Marcha do Balanceio*, na qual Humberto nada fez e só tomou conhecimento através da gravação com o seu nome, como o mesmo afirmou em depoimento ao Arquivo Nirez no dia 11 de dezembro de 1977.

Juvenal, samba-batucada, gravado pelos 4 Ases & 1 Curinga.

Juvenal beba um chope comigo)

Beba um chope meu amigo) bis

(Mais um))

Não há mal que sempre dure

Juvenal, vou lhe dizer

Pra esquecer aquela ingrata

Você deve beber

(Mais um)

Juvenal beba um chope comigo... etc.

Juvenal meu velho amigo

Eu não quero me meter

Mas escute o que lhe digo

Você deve beber

(Mais um).

Mariposa, marcha-rancho, foi gravada por Orlando Silva com acompanhamento de Claudionor Cruz e seu Conjunto.

Oh! Mariposa)

Minha doce amiga)

Por que tu andas a voar em vão)

Por que não vens colher) bis

O mel das flores)

No jardim de amores)

Do meu coração)

Vem mariposa

Vem por favor

No meu jardim tem sol

Tem vida e tem calor

Mas voando assim à toa

Perderás o meu amor.

A Marcha do Balanceio é a segunda versão do balanceio *Eu Vou Até de Manhã*, do qual já falamos. A versão carnavalesca foi gravada pela dupla Joel & Gaúcho com acompanhamento de Abel e sua Orquestra. A gravação traz a designação de marcha-balanceio.

Oi balancê, balançá)

Balança pra lá e pra cá)

Eu vou até de manhã) bis

Só nesse balanceá)

O balanceio é muito bom

O balanceio é de amargar

Quem cair no balanceio

Dança até o sapato furar.

A *Marcha do Balanceio*, feita na trilha do sucesso obtido pelo balanceio *Eu Vou Até de Manhã*, foi uma das grandes músicas daquele carnaval, ao lado de *Espanhola*, marcha de Benedito Lacerda e Haroldo Lobo, *No Boteco do José*, marcha de Wilson Batista e Garcez, *Trabalhar Eu Não*, samba de Almeidinha, *Cordão dos Puxa-Saco*, marcha de Roberto Martins e Frazão, *Promessa*, de Jaime Carvalho, e *Deus Me Perdoe*, de Lauro Maia e Humberto Teixeira.

Marta, samba em parceria com Humberto, foi gravado pelo cantor cearense Ivan de Alencar com Orquestra e Coro em disco Sinter 00-00.103-B. A melodia foi baseada na canção de Moisés Simons, que tinha o mesmo título. O lançamento ocorreu em janeiro de 1952.

Marta

Vem rever o que ainda é teu

Marta

Nosso amor ainda não morreu

Marta

Eu te peço perdão do que eu fiz

Marta

Tu bem sabes que eu sou muito infeliz

Eu sei que fui o culpado

Da nossa separação

Tomei o caminho errado
Traíndo o meu coração
Porém paguei o meu erro
Sofrendo a dor mais atroz
Perdoa, Marta, perdoa
O mal que houve entre nós.

POEMA IMORTAL

Em 1941, nascia em Fortaleza o conjunto vocal Vocalistas Tropicais, liderado por José Eduardo Ribeiro Pamplona (Eduardo Pamplona) e tendo como componentes José Artur de Carvalho, Leto Cordeiro, Nilo Xavier da Mota (Nilo Mota), Esdras Falcão Guimarães “Pijuca”, Paulo Sucupira, Vicente Ferreira da Silva e Paulo de Tarso. Cantavam músicas de Lauro Maia, Alcardo Freitas, Milton Moreira e outros, chegando a gravar alguns acetatos em 1942. Com o sucesso dos 4 Ases & 1 Curinga no sul, os Vocalistas Tropicais se animaram a seguir o mesmo destino incentivados que eram por todos os artistas do Rio que se apresentavam na capital do Ceará. Após uma excursão pelo norte assinaram contrato para apresentação na Rádio Tupi, do Rio de Janeiro, em 1945.

No dia 1º de janeiro de 1946, os Vocalistas Tropicais desembarcaram na Cidade Maravilhosa, passando a atuar na Rádio Tupi, no Cassino Atlântico e logo participaram do filme Caídos do Céu, uma produção da Atlântida. Ainda em janeiro assinaram contrato com a gravadora Odeon, realizando a primeira gravação no dia 6 de fevereiro. O primeiro disco dos Vocalistas Tropicais trouxe, na face A, o balanceio de Lauro Maia, *Tão Fácil, Tão Bom*.

Quando o grupo partiu definitivamente para o Rio, a formação era a seguinte: Nilo Mota (líder, pandeiro e canto); Danúbio Barbosa Lima (tantan e canto); Paulo Sucupira (canto e violão); Paulo de Tarso (violão); Evandro de Sousa (canto e violão americano); e Artur de Oliveira (canto e afoxé).

Tão Fácil, Tão Bom, balanceio:

Balança o corpo pra lá)

Balança o corpo pra cá)

Agora dê um pulinho) bis

E diga que sabe, que sabe dançá)

O balancêi, balançá)

Você já pode ensiná) bis

O balanceio é tão fácil

O balanceio é tão bom

Até pra se acompanhar

Ninguém precisa ter dom

Alguma vez é que passa

Pra terceira do tom

O balanceio é tão fácil

O balanceio é tão bom.

A gravação original foi reeditada em 1993 no CD Equatorial 199.00.0015 "Lauro Maia – 80 Anos", faixa 15 e em 1994 no LP 12" Equatorial 111.000.197 "Lauro Maia - 80 Anos", Lado A faixa 1.

O segundo disco dos Vocalistas Tropicais trouxe duas músicas de Lauro Maia: *Escapei*, samba, e *Taboleiro d'Areia*, miudinho, mais um ritmo divulgado por Lauro Maia.

Escapei, samba:

Eu acordei

Me espreguicei

Me levantei

Depois tomei

Um banho frio

Na água fria como o gelo

Que quase me tirava o pelo (4 vezes)

Durante o banho

Eu senti que ia ficando pequenininho

Pequeninho e pensei:

(Ai) Que dessa vez acabo ficando sozinho

Porque Maria não gosta

De homem desse tamaninho

Saí depressa
E tomei umcafezinho
Bem quentinho
E penteei o cabelo
E um cigarro fumei
O frio foi passando
Ao meu tamanho voltei
Agora vejam só do que eu escapei.

Tabuleiro d'Areia, miudinho:

Eu vou me casar)
No Tabuleiro d'Areia) bis
Areia, areia, areia, areia - 4 vezes)
Eu passei a vida inteira
Procurando o meu par
Hoje perto dos oitenta
É que eu fui encontrar
No Tabuleiro d'Areia
Qualquer um pode casar.

Em 1994, no LP 12" Equatorial 111.000.197 "Lauro Maia - 80 Anos", no Lado A, faixa 5, foi reeditada a gravação original de ***Tabuleiro d'Areia***..

Em novembro de 1946 mais uma composição de Lauro Maia é lançada em suplemento da Odeon: ***Hora do Silêncio***, samba em parceria com Jaime de Carvalho "Colô", gravação dos Vocalistas Tropicais e trazendo o subtítulo Silêncio no Céu.

Hora de Silêncio (Silêncio no Céu), samba:

Eu só tenho pena)

Daqueles que morrem) bis

E que não ganham o céu)

Quando bate o sino na igreja

É hora de silêncio lá no céu

As velhas se benzem

E todo mundo tira o chapéu

Eu só tenho pena

Daqueles que morrem

E não ganham o céu

É a hora de pedir perdão a Deus

Pelas faltas no dia que findou

Na Terra tudo é escuridão

Lá no céu as estrelas

Brilham na escuridão.

Ainda em 1946 a gravadora Continental lançou *História do Brasil*, samba de Lauro Maia em parceria com Mendonça de Sousa e gravação de Ericsson Martha com acompanhamento de Napoleão Tavares e Seus Soldados Musicais.

Nasceste no Porto Seguro

Ó pátria adorada

E com a cruz e a espada tu foste batizada

Nem Pero Vaz de Caminha

Nem mesmo Cabral

Souberam descrever teu mundo

Pra D. Manoel de Portugal.

No ano de 1.500

Chamaram-te Monte Pascoal

Depois Santa Cruz

A seguir Vera Cruz

Finalmente teu nome é Brasil.

Paraguaçu, Araribóia Ajuricaba

Mostraram teu gênio guerreiro

Villegaignon, o marco forte bem amado

Por isso é que ainda existes

Também glorificando teu passado

Pernambuco de Nassau persiste.

Assim prosseguindo então

Com a tua existência

Surgiu Tiradentes

O mártir da independência.

D. João para abrir as portas

Ao mundo inteiro

Pedro I para dar o grito:

Independência ou Morte!

Ouvido das cochilhas do sul

Ao extremo norte.

Veio a Guerra do Paraguai
E no fim a vitória
Veio Isabel e Deodoro
Com a bonita página da História
Agora em Montese e Monte Castelo
E outros lugares mais
Brilhaste com os heróis, pracinhas e oficiais
Pra mostrar que sabes combater
E ninguém te pode vencer
Brasil colossal
Brasil, meu Brasil imortal!

Como vimos, trata-se de um samba-exaltação contando a história do Brasil, como o título sugere, mas que não obteve sucesso. Passou completamente despercebido.

Em janeiro de 1947 duas músicas de Lauro Maia são lançadas em disco, uma pela Odeon e outra pela RCA Victor. *Seu Erro Não Tem Perdão*, samba, gravado por Orlando Silva e Orquestra de Fon-Fon, lançado pela Odeon e trazendo Humberto Teixeira como parceiro. *Tenha dó de Mim*, outro samba em parceria com Humberto Teixeira, gravado por Ciro Monteiro com acompanhamento de Raul e seu Regional e lançado pela RCA Victor, este numa tentativa de reeditar o sucesso de *Deus me Perdoe*.

Seu Erro Não Tem Perdão, samba:

Eu prefiro a dor de uma saudade)
A ter de lhe perdoar sem razão)
Você roubou meu sossego)
Zombou da minha aflição) bis
Agora é tarde demais)

Seu erro não tem perdão)

Eu sei que a minha decisão

Está em desacordo com a voz do coração

Pois ele é quem me aconselha

A dispensar outra vez

O grande mal que você já me fez.

Tenha Dó de Mim, samba:

Deus, tenha dó de mim)

Tenha pena do meu sofrimento)

É cruel viver assim)

Eu já cansei de tanto chorar)

A saudade daquela mulher)

Que não soube amar)

Que triste papel para mim

Ter que confessar

Que choro a saudade de quem destruiu meu lar

Eu bem sei que ela nunca fez caso do meu amor

Meu Deus é demais para mim tanta dor

(Ai, meu Deus).

No ano de 1993 a gravação original de ***Tenha dó de mim*** foi reeditada no CD Equatorial 199.00.0015 "Lauro Maia 80 Anos", na faixa 20 e em 1994 no LP 12" Equatorial 111.000.197 "Lauro Maia - 80 Anos", Lado B faixa 2.

Poema Imortal, valsa de Lauro Maia e Humberto Teixeira, foi gravada por Orlando Silva e Orquestra Odeon:

Ó viva encarnação do eterno amor universal
Visão de mil peijas entre o bem e o mal
Às vezes na saudade és o paraíso
Às vezes verdadeiro inferno trazes num sorriso
Ó viva encarnação do beijo quente, sensual
Imagem do pecado original
Tu és ventura e desventura presença e despedida
És ponto e contraponto és a própria vida
Fogaréu, em cenas de ciúme
Também és luar e és perfume
Lago azul onde desliza um cisne erradio
Tu és também fremente mar bravio
Vendaval de uma fúria peregrina
Tu és também a brisa matutina
Demônio angelical,
Eu sei melhor que outro qualquer
Poema imortal
Teu nome é mulher.

A gravação original desta valsa teve duas reedições: em 1989 no LP 12" Revivendo LB-025 "Poema Imortal" lado A faixa 1 e em 1995 no CD Revivendo 094 "Valsas Brasileiras-2", faixa 1.

Em agosto de 1947, no suplemento mensal da RCA Victor, consta o samba *É Muito Tarde*, letra e música de Lauro Maia, gravado por Gilberto Milfont. Esta música tinha anteriormente, ainda em Fortaleza, o título de *Adeus* e foi muito cantada na PRE-9 pelo próprio Milfont.

Adeus,

E não disseste mais nada
Adeus,
Como fugiste apressada
Esperei que voltasses...
Em vão!
Guardo essa mágoa bem dentro do meu coração
Tu não sabes do que o mundo é capaz
Ser cruel também assim já é demais
Sozinho depois
Fiquei meditando
Sem destino pensei se devia voltar
Tive porém a certeza que estavas chorando
Quiseste mas não pudeste ocultar
Jamais esquecerei aquele adeus
E juro que sei sofrer sem dar alarde
Se algum dia quiseres voltar
Rogo por Deus
Não voltes
É muito tarde.

A gravação original foi reeditada em 1993 no CD Equatorial 199.00.0015 "Lauro Maia 80 Anos", na faixa 18 e em 1994 no LP 12" Equatorial 111.000.197 "Lauro Maia - 80 Anos", Lado A faixa 4, iniciativa do compositor Calé Alencar.

Chega, Chega Chegadinho, foi o segundo miudinho lançado por Lauro Maia, embora composto antes do primeiro a ser gravado. O registro foi feito pelos 4 Ases & 1 Curinga e é uma exaltação ao

novo ritmo já usado em Taboleiro d'Areia.

Chega, chega chegadinho)

Vai chegando devagar)

Chega mais um bocadinho) bis

Até os dois se juntar)

Isto é uma dança boa)

Que vem lá do Ceará) bis

Miudinho ninguém cansa

Pois ninguém sai do lugar

Só o corpo se balança

E os pés a se arrastar

Isto é uma dança boa

Que vem lá do Ceará

Quando a gente aprende esta

Outra mais não quer dançar

Chega, chega chegadinho... etc.) bis

Dá uma volta no salão

E voltam pro mesmo lugar

Depois tomam posição

Pra poder continuar

Isto é uma dança boa

Que vem lá do Ceará

Quando a gente aprende esta

Outra mais não quer dançar.

Em dezembro deste mesmo ano, uma música de Lauro Maia é lançada no suplemento de uma gravadora que surgia, a Star, depois transformada em Copacabana. Trata-se do samba *Nós Somos de Lá*, gravado pelo cantor Ericsson Martha, o mesmo intérprete de História do Brasil.

Nos registros do Serviço de Defesa do Direito Autoral (SDDA) consta o nome de Lauro Vieira Mota como sendo o autor desta composição.

Como podemos ver é o mesmo nome do autor de uma das músicas do concurso de músicas carnavalescas promovido pelo jornal O Povo em 1937 e vencido por Lauro Maia nas duas categorias, samba e marcha. Não identificamos o porque de estar ali o nome de Lauro Vieira Mota.

Os 4 Ases & 1 Curinga registram em cera o coco *Tá Quente, Sabina*, com versos e melodia de Humberto Teixeira, embora na etiqueta conste o nome de Lauro Maia como um dos autores, confirmando o que dissemos antes sobre as parcerias de Lauro e Humberto. Embora não tenham sido escritos por Lauro Maia aqui vão os versos:

Ói, atenção !

Lá vai o coco saleroso que nasceu no Ceará

Eu convido todo mundo pra dançar.

Ói o coco, Sabina,)

Ói o coco, Sinhá) bis

Ói o coco que tá quente, que tá quente, vai queimar

Ói o coco saleroso que nasceu no Ceará

Tá quente, Sabina,)

ói o coco) bis

Tá quente, Sinhá)

Vão me dizendo se já sabem ou se não sabem peneirar

Pois se não sabem, outra vez eu vou mostrar

Nós 'tamo' às ordens pra mostrar pra toda gente

O velho coco saleroso que nasceu no Ceará

Ôi acabaram de ouvir

A nova dança que nasceu no Ceará

(Nasceu no Ceará) 3 vezes

Desafio qualquer um que não gostar

Olha o coco, Sabina

Ói o coco, Sinhá

Ói o coco que tá quente, que tá quente, vai queimar

Ói o coco saleroso que nasceu no Ceará

Ôi atenção

Quem não dançou até agora

Já não pode mais dançar

Já é tarde e a rabeça vai parar

Ói o coco, Sabina)

Ói o coco, Sinhá.) bis

A composição indica como ritmo o coco, mas na verdade o ritmo da gravação é o baião, o que comprova a ausência de Lauro Maia na autoria, já que ele nunca compôs um baião.

Em 1994, no LP 12" Equatorial 111.000.197 "Lauro Maia - 80 Anos", Lado B faixa 4 foi reeditada a gravação original de *Tá Quente, Sabina!*.

Em 1949 foi lançado o samba *Pecador*, pelos 4 Ases & 1 Curinga, em gravação realizada através do selo Odeon. Trata-se de mais uma parceria de Lauro Maia e Humberto Teixeira. Na época fazia muito sucesso o bolero de Agustin Lara *Pecadora*, cujas primeiras notas foram aproveitadas no *Pecador*:

(Ai! Meu Deus)

Ai! Eu pequei)
Mas vem cá)
Eu paguei o meu erro de amor) bis
Ai! Ai! Meu Deus)
Tenha pena de mim)
Desse pobre pecador)

Infeliz de quem abandona
Sem razão, um velho amor
Cai no erro sem remissão
Se tornando um pecador
Ai! Meu Deus!.

Em novembro de 1949, a cantora Carmélia Alves gravou, de Lauro Maia e Humberto Teixeira, ***Trem ô Lá Lá***, baião inspirado em motivos folclóricos.

No mesmo mês e ano esta música também foi gravada por Jacques Pills, cantor francês que estava no Brasil. A letra foi vertida para o francês e o disco foi lançado em série especial, de etiqueta azul.

Ô trem ô lá lá)
Roda, roda, inté mancé)
Um vintém bateu no outro) bis
Fez tiritim, tiritim, tá tá)
Me atrepei na bananeira
Fui inté o mangará
Comi tanta da banana
Que fiz a gata miá

Ô trem ô lá lá... etc

Caminhei cinqüenta léguas

Amontado num preá

Cinqüenta léguas num dia

Num é prum cabra caminhá

Ô trem ô lá lá... etc.

Em riba daquela serra

Do outro lado de lá

Corre o peba atrás da onça

Raposa, tamanduá.

Trem Ô Lá Lá, tinha o título de **Ô Trem Ô Lá Lá** e o ritmo original era *galopeira*, com letra e música de Lauro Maia. Lauro já se encontrava doente e hospitalizado quando da gravação de *Pecador e Trem Ô Lá Lá*.

Trem Ô Lá Lá foi registrado, além das gravações já citadas, por Georges Henry e Sua Orquestra, com parte vocal de William Fourneaut, em disco Continental. Foi também gravado por Sylvio Mazzuca e Sua Orquestra, lançamento da gravadora Odeon, em ritmo de baião.

A gravação de **Ô Trem Ô Lá Lá**, com Carmélia Alves, teve três reedições: em 1993 no CD Equatorial 119.00.0015 "Lauro Maia 80 Anos", na fixa 21.; em 1994 no LP 12" Equatorial 111.000.197 "Lauro Maia - 80 Anos", Lado B faixa 6; e em 2003 no CD Revivendo RVCD 213 "Carmélia Alves – Eu sou o Baião", na faixa 20.

Ressalte-se que Lauro Maia nunca compôs no gênero baião, portanto, as gravações destas músicas foram iniciativas de seu parceiro e cunhado Humberto Teixeira.

Quando os discos foram lançados, em 1950, Lauro já havia falecido.

É MUITO TARDE

Quando Lauro Maia chegou ao Rio de Janeiro, em 1945, empregou-se na firma Irmãos Vitale, editora de músicas e revendedora de artigos musicais. Na loja da editora, Lauro tocava ao piano as músicas escritas nas partituras ali editadas, como forma de divulgação ao público que, entusiasmado com a execução do pianista, comprava imediatamente as cópias das músicas. Ao chegar em casa nem todo mundo conseguia extrair das partituras a mesma beleza da execução de Lauro Maia.

Logo que passou a trabalhar para os Irmãos Vitale, Lauro assinou um contrato absurdo com aquela firma onde cedia todos os seus direitos autorais referentes às músicas já editadas e também àquelas que viessem a ser impressas, ficando preso a este contrato até o fim da vida.

Lauro Maia foi também contratado pela Rádio Tupi para apresentações em estúdio, participar de programas, atuar como copista de música e fazer arranjos e orquestrações. Trabalhava também como pianista no Cassino Atlântico, onde suas músicas de cunho regional alcançaram grande sucesso.

Por ter os dentes estragados e amarelecidos pela nicotina, Lauro Maia ao falar ou rir sempre colocava os dedos espalmados cobrindo a boca. Embora fumasse muito nunca o cigarro chegava aos lábios pois usava, invariavelmente, uma piteira que se tornou característica de sua imagem.

Lauro Maia ingeria aguardente de cana (cachaça) e onde estivesse bebendo havia sempre dois copos, um com cachaça e outro com refresco. Tomava um pouco da cachaça, um pouco do refresco e engolia. Não sabemos o motivo da mistura na boca mas ele devia conhecer o segredo do sabor.

A tuberculose de Lauro Maia manifestou-se por volta de 1947, época em que esteve em Fortaleza, pela última vez, para tratamento. Ele sempre escondeu a doença do conhecimento de seus parentes. No Rio de Janeiro, seu companheiro mais íntimo de farras era o Chiquinho, que apesar de muito amigo, era considerado pela família de Lauro como pernicioso pois quando se reuniam, promoviam bebedeiras de dias e noites.

Um dia Chiquinho chegou para o Dr. Joacy Teixeira, médico, irmão de Humberto Teixeira e mostrando-lhe uma lâmina com escarro pediu-lhe que fizesse um exame, pois escarrara sangue e queria saber o grau da doença. Após o exame, o médico chegou à conclusão de que o grau de tuberculose de Chiquinho estava muito avançado e propôs então levá-lo para tirar algumas chapas de Raio-X. Chiquinho, porém, terminou por confessar que o escarro não era dele e sim de Lauro Maia, que escondera durante dois anos a doença, com risco de contágio para a família, mulher e filhos. Na época, o tratamento da tuberculose já existia mas era muito precário.

Foram batidas as chapas, constatando-se que um dos pulmões estava todo contaminado e o outro já se encontrava comprometido. Nada restava a fazer senão internar Lauro Maia no Hospital Santa Maria, em Jacarepaguá. Ironicamente um dos maiores êxitos do conjunto Vocalistas Tropicais, naquele ano, foi a marcha intitulada *Jacarepaguá*, composta por Paquito, Romeu Gentil e Marino Pinto, baseada na melodia de Cumbanchero, rumba de Rafael Hernández.

Durante o período em que esteve adoentado, Lauro Maia não recebeu nenhuma ajuda da União Brasileira de Compositores (UBC), conforme denúncia de Nestor de Holanda em seu livro *Memórias do Café Nice*, páginas 78 e 101.

No dia 5 de janeiro de 1950, a menos de dois meses após a data de seu 36º aniversário e por coincidência dia do 35º aniversário de Humberto Teixeira, às 20h30min, Lauro Maia faleceu, deixando viúva Djanira Teixeira Maia e, órfãos, os filhos Eva Maria Teixeira Maia, com 6 anos e Lauro Maia Filho, com 5 anos.

O enterro aconteceu no Cemitério de São Francisco Xavier, no Rio de Janeiro. Em março de 1955, os restos mortais de Lauro Maia Teles foram transportados para Fortaleza, onde repousam, no túmulo da família, no Cemitério São João Batista, 1º plano, nº 2382, lado esquerdo.

Nesse período modestas homenagens foram prestadas a Lauro Maia. Seu colega de trabalho na Diretoria de Viação e Obras Públicas, agrimensor, desenhista e pesquisador Descartes Selvas Braga, um dos maiores colecionadores de discos do País entre as décadas de 20 e 50, grande amigo e colaborador de Lauro Maia, rebatizou seu trabalho, em Parangaba, bairro da capital cearense, com o nome de Discoteca Lauro Maia, além de batizar um de seus filhos com o nome do compositor.

Logo após a morte de Lauro Maia, o então vereador José Aluísio de Castro Correia conseguiu denominar, com o nome do compositor, uma rua de Fortaleza. A Rua Lauro Maia fica no bairro Joaquim Távora, iniciando-se no encontro da Rua Domingos Olímpio com Avenida Aguanambi, em frente à Pracinha das Professoras, e terminando na Avenida 13 de Maio, correndo paralela à Avenida Visconde do Rio Branco, ao oeste desta.

Em 1958 instalou-se, no Rio de Janeiro, ainda Capital Federal, por iniciativa de vários compositores, a Academia de Música Popular. Entre os 50 imortais estava Humberto Teixeira, tendo como patrono Lauro Maia.

No acervo do Arquivo Nirez existe um acetato, datado de fevereiro de 1952, com a gravação do samba intitulado *Lauro*, composto por Lauro Benedito Silva. Acreditamos que deve ter sido um componente da Escola de Samba Lauro Maia, em função do que dizem os versos:

“Lauro

Eu vim lhe homenagear

Ah! Se você fosse vivo

Pra ver sua escola passar

Em homenagem ao seu fundador

A nossa escola dedica com todo amor

O samba de um grande amigo seu

Pois pra escola de samba

Lauro Maia não morreu.”

A melodia do samba casa perfeitamente com os versos. É simples, triste, saudosa e muito bonita, deixando notar que a inspiração esteve presente. A gravação foi feita por um conjunto vocal que não conseguimos identificar.

Na década de 70, o seresteiro Milton Alves, inspirado por Lauro Maia, compôs um samba, batizando-o de *Elegia a Lauro Maia*.

Encontrei na remissão dos meus pecados

O perdão amigo dos meus ais

Não, não vim aqui pedir desculpas

Não, não perdi o meu cartaz

Vim simplesmente ser cordato

Abraça-los fielmente como amigo

Eu só vim aqui cantar meu samba

Assim, assim, assim:

Bati na porta que cansei

Chamei, chamei, chamei

Ninguém me respondeu
E eu fiquei com cara de judeu
(Qual é, ô meu?)
Você destruiu minha vida
Você deixou o meu lar
Levando tudo o que eu tinha
E agora só pensa em voltar
Tudo acontece na vida
Um dia chega a saudade
Batendo com força no peito
Fazendo lembrar a maldade
Hoje voltas chorando
Chega, já é muito tarde.

HORA DE SILÊNCIO

Após a morte de Lauro Maia algumas músicas ainda foram gravadas e editadas, por iniciativa de Humberto Teixeira. Ele tinha em suas mãos algumas composições de Lauro para completar e/ou adaptar e entregou *Catolé*, arranjo de Lauro Maia sobre motivos do Cariri, à cantora Stelinha Egg. Como teve que fazer várias alterações, o nome de Humberto aparece como parceiro de Lauro. A gravação e o lançamento foram feitos em 1950 pela Capitol, etiqueta recém-instalada no Brasil e que logo se transformou na Sinter, gravadora que reeditou a música no ano seguinte. O acompanhamento ficou a cargo do Conjunto Típico Brasileiro de Gaya:

Catolé no pé tá seguro)

Mas caiu no chão, tá maduro!) bis

Catolé é doce que nem mé)

Mas a casca amarga como fé!) bis

Catolé faz lembrar

Sem querer

Mulher carrancuda

Da boca sisuda

Mas bom coração.

Custa muito gostar

Mas se o amor amadurecer

Entonce ela cai como catolé no chão!

Os versos originais do folclore são bem diferentes:

Dance panavuê, dance panavúá

Catolé no pé tá seguro

Mas caiu no chão tá maduro!

Ó meu compadre coma catolé

Ó minha comadre, arreceba se quiser!

Catolé é doce qui nem mé

Mas a casca amarga como fé

Catolé é bom pra chupar

Ele é mió pra aluá!

Durante toda a música o coro deve dizer: Dance panavuê, catolé, ôi! dance panavuá. Panavuê ocorre quando os caboclos, debaixo da latada coberta de folha, jogam o lenço na moça com quem querem dançar, em meio a uma grande poeira.

A composição de Lauro, *Faísca*, choro cantado, que tem parceria de Penélope, gravado em disco Odeon de 1950, é um relançamento de *Saudades do Cariri*, já gravado em acetato na PRE-9 em 1942. A interpretação é de Raul de Barros e Sua Orquestra, com estribilho cantado por Violeta Cavalcante:

A minha vida era um céu cheio de estrelas

Dava gosto a gente vê-las

Contemplando o firmamento.

Mas de repente a faísca do teu beijo

Acendeu esse desejo

Que é meu sonho e meu tormento

Eu era forte e a faísca da tristeza

Destruiu a fortaleza

Com um raio de saudade.

Deixei meu barco, pobre barco pequenino

Navegando sem destino

Ao sabor da tempestade.

Em 1950, a cantora Helena de Lima gravou *Ôi Que Tá Bom, Tá*, remelexo de Lauro Maia e

Humberto Teixeira, lançamento da etiqueta Todamérica. Por um lamentável erro, os nomes dos autores não constam nos créditos.

Ôi que tá bom, tá (6 vezes)

Caramelo, pau do eixo!

Ôi que tá bom, tá,)

Ôi que tá bom, tá!) bis

Vamos então continuar remelexendo

É bem melhor do que sambar!

O remelexo é sacudido

Lembra a dança de São Guido

A gente pula, pula, pula sem cessar!

Eu me sacudo, me balanço, me remexo

Quando danço o remelexo

E não quero mais parar!

No disco, acompanham Helena de Lima, o maestro Guio de Moraes e o conjunto Os Boêmios.

Ainda pela etiqueta Todamérica foi lançado no mesmo ano o samba *Desci do Morro*, também de Lauro Maia e Humberto Teixeira, com interpretação do conjunto Os Boêmios:

Desci do morro)

Mas tô louco pra voltar) bis

Lá em cima tinha tudo

O meu chão era veludo

Quando a lua vinha me beijar

Desci do morro... etc.) bis

O asfalto tem feitiço
Tem riqueza e alegria
Mas o morro triste e pobre
Era tudo que eu queria.

Em 1952, o pianista Heri, que não é outro senão o famoso Heriberto Muraro, grava na etiqueta Elite-Special, em solo de piano, o choro de Lauro Maia *Faisca*, já citado anteriormente.

No mesmo ano a Continental lança o baião *Vamos Balancear*, de Lauro Maia e Humberto Teixeira, gravado por Helena de Lima com acompanhamento de Djalma Ferreira e Seus Milionários do Ritmo:

Balança, meu bem, balança,
Eu quero ver a tua ginga balançando,
Balança, meu bem, balança,
Que todo mundo vai provar
Da gostosura desta dança.

Balança, meu bem, balança,
Toma sentido nesta volta que a gente vai dar
É perigosa, maliciosa,
Deliciosa pra quem sabe balançar.

Balança o corpo pra cá
Balança o corpo pra lá
Uns passinhos nós temos que dar
Junta o seu corpo no meu
Que eu junto o rosto no teu
E vamos balancear.

A vida assim é melhor,
Não há quem possa duvidar.
Só tenho pena, morena,
Quando a música parar.

Como é fácil de perceber, Lauro Maia entrou na parceria porque a composição foi feita em cima da sua ***Eu Vou Até de Manhã***, mas tanto os versos como a melodia são de Humberto Teixeira.

Em julho de 1952 Carmélia Alves, com Vero e Seu Conjunto, surgem no suplemento Continental com o balanceio de Lauro Maia e Humberto Teixeira, ***O Balanceio Tem Açúcar***: Vero era pseudônimo de Radamés Gnattali.

Oi, quem quiser aprender
Ou pelo menos espiar
Como se dança gostoso
Lá no meu Ceará
É favor chegar pra perto
Pois eu vou demonstrar
Como é que a gente dança
O balancê balançá.

O balancê tem açúcar
Que as outras danças não têm.
Conforme diz o seu Juca
E a Maricota também
– Quem dançar balanceio uma vez,
Dança dez, dança vinte, dança cem.

Além dos discos específicos de músicas da lavra de Lauro Maia, com ou sem parceiros, Carmélia

Alves e Sivuca gravaram dois discos intitulados *No Mundo do Baião*, em quatro faces de pot-pourri, com vários baiões de diversos autores. No lado B do disco vinha, no final, *Trem Ô Lá Lá*, de Lauro Maia e Humberto Teixeira.

Em 1954 a gravação original de *No Mundo do Baião* foi reeditada no LP 10" Continental LPP 8 "Baião com Carmélia Alves", Lado A faixa 4.

Quando Lauro Maia começou a lançar os ritmos do Nordeste, como o balanceio, a ligeira e o miudinho, o cantor, acordeonista e compositor Luiz Gonzaga, que também vinha lançando ritmos nordestinos, como o xamego e o calango, tentou com ele lançar o baião. Lauro Maia, avesso a responsabilidades, pois gostava de compor só ou com Humberto Teixeira, que burilava suas peças, encaminhou Luiz Gonzaga ao cunhado, já compositor de renome e advogado com escritório montado na Avenida Calógeras. Foi assim que nasceu o baião urbanizado.

Apesar do domínio massacrante da música estrangeira em todo o País, com os meios de comunicação executando quase unicamente músicas internacionais e de má qualidade, com artistas nacionais entregues a ritmos alienígenas oriundos de potências estrangeiras economicamente fortes, e com o boicote de tudo que é tradicional, tudo o que é antigo, até por parte da crítica e dos intelectuais, que rejeitam tudo o que é nacional, tudo que cheira à raiz ou a povo, considerando apenas como bom e nacional os músicos e compositores de elite, poderá um dia surgir a necessidade de se invocar o regional, o histórico, o pioneiro e nesse momento, não temos dúvida, será lembrado o nome de Lauro Maia, figura maior no campo da pesquisa musical folclórica no Ceará.

Discografia de LAURO MAIA

título	gênero	parceiro	interpretação	etiqueta	número	gravação	lançamento
Eu vi um leão	batuque		4 Ases e 1 Coringa	Odeon	12.160-a	16/04/42	1942-06
Vila Monteiro	samba	Aleardo Freitas	Vocalistas Tropicais	Acetato PRE-9	s/nº	16/07/42	1942-07
Prova de Fogo	samba		4 Ases e 1 Coringa	Odeon	12.246-b	21/11/42	1943-01
Fan ran fun fan	chote estilizado		4 Ases e 1 Coringa	Odeon	12.342-a	01/07/43	1943-08
Febre de amor	samba		Orlando Silva	Odeon	12.345-b	02/04/43	1943-08
Trem de ferro	marcha		4 Ases e 1 Coringa	Odeon	12.355-a	03/08/43	1943-09
Palminha de Guiné	marcha infantil		4 Ases e 1 Coringa	Odeon	12.470-a	02/06/44	1944-08
Bate com o pé no chão	samba		4 Ases e 1 Coringa	Odeon	12.494-b	18/08/44	1944-10
Cachimbo de barro	samba		4 Ases e 1 Coringa	Odeon	12.557-a	12/01/45	1945-03
Gosto mais do swing	fox		4 Ases e 1 Coringa	Odeon	12.557-b	12/01/45	1945-03
Eu vou até de manhã	balanceio		4 Ases e 1 Coringa	Odeon	12.568-a	08/02/45	1945-04
Quando dois destinos divergem	valsas		Orlando Silva	Odeon	12.571-b	09/03/45	1945-04
A ribeira do Caxia	ligeira		4 Ases e 1 Coringa	Odeon	12.612-a	29/06/45	1945-08
Olha o gato	samba		Namorados da Lua	Continental	15.435-a	/ /45	1945-09
Samba de roça	samba	Humberto Teixeira	Orlando Silva	Odeon	12.635-b	03/09/45	1945-10
Só uma louca não vê	samba	Humberto Teixeira	Orlando Silva	Odeon	12.643-b	28/09/45	1945-11
Deus me perdoe	samba	Humberto Teixeira	Ciro Monteiro	Victor	80-0370-a	07/11/45	1946-01

Xô peru	marcha	Humberto Teixeira	Déo	Continental	15.573-b	/ /45	1946-01
Bati na porta	samba	Humberto Teixeira	Os Trovadores	Continental	15.577-a	/ /45	1946-01
Margarida	marcha de roda	Humberto Teixeira	J. B. de Carvalho	Continental	15.580-a	/ /45	1946-01
Juvenal	batucada	Humberto Teixeira	4 Ases e 1 Coringa	Odeon	12.667-a	14/12/45	1946-02
Mariposa	marcha	Humberto Teixeira	Orlando Silva	Odeon	12.672-a	10/12/45	1946-02
A marcha do balanceio	marcha balanceio		Joel & Gaúcho	Odeon	12.678-b	08/01/46	1946-02
Tão fácil tão bom	balanceio		Vocalistas Tropicais	Odeon	12.681-b	06/02/46	1946-03
Escapei	samba		Vocalistas Tropicais	Odeon	12.691-a	21/03/46	1946-05
Tabuleiro d'areia	miudinho		Vocalistas Tropicais	Odeon	12.691-b	21/03/46	1946-05
História do Brasil	samba	Mendonça de Souza	Ericsson Martha	Continental	15.696-a	/ /46	1946-09
Hora de silêncio	samba	Jaime de Carvalho “Colô”	Vocalistas Tropicais	Odeon	12.740-b	07/10/46	1946-11
Seu erro não tem perdão	samba	Humberto Teixeira	Orlando Silva	Odeon	12.753-b	18/11/46	1947-01
Tenha dó de mim	samba	Humberto Teixeira	Ciro Monteiro	Victor	80-0487-b	16/10/46	1947-01
Poema imortal	valsas	Humberto Teixeira	Orlando Silva	Odeon	12.768-b	31/01/47	1947-03
É muito tarde	samba		Gilberto Milfont	RCA Victor	80-0522-b	09/12/46	1947-08
Chega chega chegadinho	miudinho		4 Ases e 1 Coringa	Odeon	12.870-b	15/04/48	1948-09
Nós Somos de lá	samba		Ericsson Martha	Star	99-b	/ /48	1948-12
Quando dois destinos divergem	valsas		Mário de Azevedo (piano)	Odeon	12.946-b	08/06/49	1949-09
Tá quente Sabina	coco	Humberto Teixeira	4 Ases e 1 Coringa	Odeon	12.943-a	08/06/49	1949-09

Catolé	baião	folclore - Humberto Teixeira	Stelinha Egg	Capitol	00-00.011-a	/ /50	1950
Pecador	samba	Humberto Teixeira	4 Ases e 1 Coringa	Odeon	12.973-b	29/09/49	1950-01
Trem ô la lá	baião	Humberto Teixeira	Carmélia Alves	Continental	16.177-a	/ /49	1950-03/04
Faísca	choro	Penélope	Violeta Cavalcânti	Odeon	13.035-b	24/04/50	1950-08
Oi que tá bom tá	remeleixo	Humberto Teixeira	Helena de Lima	Todamérica	TA-5.008-b	25/07/50	1950-10
Desci do morro	samba	Humberto Teixeira	Os Boêmios	Todamérica	TA-5.022-a	26/09/50	1950-11
Trem ô la lá	baião	Humberto Teixeira	William Fourneaut	Continental	16.300-a	27/07/50	1950-11/12
Catolé	baião	folclore - Humberto Teixeira	Stelinha Egg	Sinter	00-00.011-a	/ /50	1951
Trem ô la lá	baião	Humberto Teixeira	Sílvio Mazzuca e Sua Orquestra	Odeon	13.095-b	16/09/50	1951-02
Trem ô la lá	baião	Humberto Teixeira	Jacques Pills	Continental	20.080-b	/ /51	1951-03/04
Faísca	choro	Penélope	Muraro (piano)	Elite Special	N-1.096-a	/ /51	1952
Marta	samba	Humberto Teixeira	Ivan de Alencar	Sinter	00-00.103-b	/ /51	1952-01
Vamos balancear	baião	Humberto Teixeira	Helena de Lima	Continental	16.537-a	/11/51	1952-03/04
O balanceio tem açúcar	balanceio	Humberto Teixeira	Carmélia Alves	Continental	16.598-a	02/06/52	1952-07/08
Quando dois destinos divergem	valsas		Orlando Silva	Odeon	12.571-b	17/03/55	1955-04

Legendas das fotos:

Foto 01 – Capa da Partitura de “Eu vi um leão” editada na Itália.

Foto 02 – Orquestra do Ceará Rádio Clube – PRE-9, onde Lauro está no acordeon.

Foto 03 – Foto clássica de Lauro Maia com sua indefectível piteira.

Foto 04 – Etiqueta do primeiro balanceio gravado em disco.

Foto 05 – Etiqueta do primeiro disco comercial de Lauro Maia.

Foto 06 – Lauro Maia em meio aos “brincantes” do Cordão das Coca Colas.

Foto 07 – Lauro Maia nos jardins da PRE-9, nas damas, com Alcardo Freitas.

Foto 08 – Lauro Maia vestido a rigor quando fez parte da Orquestra do Ideal Clube.

Foto 09 – Casa onde nasceu Lauro Maia, na Avenida Visconde de Cauype, no Benfica.

Foto 10 – Lauro Maia e Emygdio Santana no Café Globo, na Praça do ferreira.

Foto 11 – Lauro chegou a tirar a foto de formatura da Faculdade de Direito.

Foto 12 – Foto da Lauro Maia com bigode típico lembrando Charlie Chaplin.

CRONOLOGIA:

1913 – novembro – 13 – Nasce Lauro Maia Teles

1916 – dezembro – 11 – Lauro é registrado no cartório por seu avô materno José Nicolau Afonso Maia.

1933 – fevereiro – Ingressa na Faculdade de Direito do Ceará.

1933 – Ingressa na Diretoria de Viação e Obras Públicas do Estado do Ceará.

1935 – Ingressa no Ceará Rádio Clube – PRE-9 como acordeonista e forma o Quinteto LUPAR.

1937 – janeiro – 09 – Concurso promovido pelo jornal O Povo premia duas composições de Lauro Maia: a marcha *Eu Sei o Que É* e o samba *Eis o Meu Samba*. Ele concorreu ainda com a marcha *Eu Sou Como São Tomé* e o samba *Cadê a Melodia?*.

1937 – Lança para o carnaval daquele ano o samba *Cadê a Melodia?* e o samba *Foi Uma Mulher* para o bloco “O que foie Galinha?”.

1937 – novembro – Abandona a Faculdade de Direito faltando apenas uma prova do último ano.

1938 – Assume a direção Artística do Ceará Rádio Clube – PRE-9.

1941 – Para o carnaval lançou a marcha *Eu Vi a Chica Boa*.

1941 – Lauro Maia casa-se com Djanira Teixeira, irmã do compositor Humberto Teixeira.

1942 – Lança no Carnaval o samba *Cara de Judeu* e o samba batucada *Praga de Urubu*.

1942 – Andrade Júnior, o Canelinha, forma um bloco carnavalesco a que dá o nome de *Escola de Samba Lauro Maia*.

1942 – abril – 16 – É gravada no Rio de Janeiro a música de Lauro Maia *Eu Vi Um Leão*, pelo grupo 4 Ases e 1 Curinga, em disco Odeon.

1942 – julho – 10 – Nasce a filha Eva Maria Teixeira Maia.

1942 – julho – 16 – Os Vocalistas Tropicais gravam, em acetato, seu samba *Vila Monteiro*, feito em parceria com Aleardo Freitas.

1942 – julho – 18 - Grava, com José Menezes, o choro *Saudades do Cariri* em acetato.

- 1942 – novembro – 21 – Gravado no Rio de Janeiro, pelos 4 Ases e 1 Curinga, o samba *Prova de Fogo*, em selo Odeon.
- 1943 – abril – 02 – O samba de Lauro Maia *Febre de Amor* é gravado na Odeon por Orlando Silva.
- 1943 – Faz o samba *O Nosso Cruzeiro*.
- 1943 – julho – 01 – Gravado pelos 4 Ases e 1 Curinga o chote estilizado *Fan Ran Fun Fan*, na Odeon.
- 1943 – agosto – 03 – Gravada em disco Odeon a marcha *Trem de Ferro* pelos 4 Ases e 1 Curinga.
- 1943 – dezembro – 12 – Nasce seu filho Lauro Maia Filho.
- 1944 – junho – 02 – Gravação da marcha infantil *Palminha de Guiné*, pelo grupo 4 Ases e 1 Curinga, em disco Odeon.
- 1944 – agosto – 18 – É gravada em disco Odeon o samba *Bate Com o Pé no Chão*, pelos 4 Ases e 1 Curinga.
- 1945 – janeiro – 12 – Gravado em disco Odeon, pelos 4 Ases e 1 Curinga, o samba *Cachimbo de Barro* e o fox *Gosto Mais do Swing*.
- 1945 – fevereiro – 08 – Gravado o primeiro balanceio, de autoria de Lauro Maia, *Eu Vou Até De Manhã*, pelos 4 Ases e 1 Curinga, na gravadora Odeon.
- 1945 – março – 09 – É gravada a valsa *Quando Dois Destinos Divergem*, pelo cantor Orlando Silva, em disco Odeon.
- 1945 – junho – 29 – Gravada em disco Odeon a ligeira *A Ribeira do Caxia*, pelos 4 Ases e 1 Curinga.
- 1945 – setembro – A gravadora Continental lança o disco *Olha o Gato*, de Lauro Maia, na interpretação dos Namorados da Lua.
- 1945 – setembro – 03 – É gravada a primeira composição da dupla Lauro Maia-Humberto Teixeira, *Samba de Roça*, com Orlando Silva, na Odeon.
- 1945 – setembro – 28 – Orlando Silva grava o samba *Só Uma Louca Não Vê*, em disco Odeon.

- 1945 – novembro – 07 – **Ciro Monteiro** grava o samba *Deus Me Perdoe* na Victor.
- 1945 – dezembro – 10 – **Orlando Silva** grava a marcha *Mariposa*.
- 1945 – dezembro – 14 – **Os 4 Ases e 1 Curinga** gravam a batucada *Juvenal*.
- 1946 – janeiro – 08 – **Joel & Gaúcho** gravam a marcha-balanceio *Marcha do Balanceio*.
- 1946 – janeiro – Lançamento pela Continental da marcha *Xô, Peru!*, gravada pelo cantor **Déo**, o samba *Bati na Porta*, pelo **Os Trovadores** e a marcha *Margarida*, com **J. B. de Carvalho**.
- 1946 – fevereiro – 06 – O grupo **Vocalistas Tropicais** grava o balanceio *Tão Fácil, tão bom*.
- 1946 – março – 21 – **Os Vocalistas Tropicais** gravam o samba *Escapei* e o miudinho *Tabuleiro d'Areia*.
- 1946 – setembro – A Continental lança o samba *História do Brasil*, na voz de **Ericsson Martha**.
- 1946 – outubro – 07 – É gravado pelos **Vocalistas Tropicais** o samba *Hora de Silêncio*.
- 1946 – outubro – 16 – **Ciro Monteiro** grava o samba *Tenha Dó de Mim* pelo cantor **Ciro Monteiro**.
- 1946 – novembro – 18 – O samba *Seu erro não tem perdão* é gravado por **Orlando Silva**.
- 1946 – dezembro – 09 – O samba *É Muito Tarde* é gravado por **Gilberto Milfont**.
- 1947 – janeiro – 31 – A valsa *Poema Imortal* é gravada por **Orlando Silva**.
- 1948 – abril – 15 – O miudinho *Chega Chega Chegadinho* é gravado pelos **4 Ases e 1 Curinga**.
- 1948 – *Eu Vi Um Leão*, é editado na Itália em partitura.
- 1948 – dezembro – A Star lança no seu suplemento mensal o samba *Nós Somos de Lá*, com **Ericsson Martha**.
- 1949 – junho – 08 – O pianista **Mário de Azevedo** grava em solo de piano a valsa *Quando Dois Destinos Divergem* e os **4 Ases e 1 Curinga** gravam o coco *Tá Quente Sabina*, ambos na Odeon.
- 1949 – setembro – 29 – O grupo **4 Ases e 1 Curinga** gravam na Odeon o samba *Pecador*.
- 1950 – janeiro – 05 – **Morre**, vítima de tuberculose pulmonar.

- 1950 – A Continental lança seu suplemento para março e abril, nele figurando o baião *Trem ô la lá*, com Carmélia Alves.
- 1950 – A etiqueta Capitol lança *Catolé*, baião, com Stelinha Egg.
- 1950 – abril – 24 – O choro *Faisca* é gravado por Violeta Cavalcante na Odeon.
- 1950 – julho – 25 – O remeleixo *Oi Que Tá Bom Tá* é gravado na Todamérica por Helena ded Lima.
- 1950 – julho – 27 – William Fournaut grava na Continental o baião *Trem ô La Lá*.
- 1950 – setembro – 26 – O samba *Desci do Morro* é gravado pelos Os Boêmios, na Todamérica.
- 1951 – março-abril – É lançado o suplemento da Continental com a gravação do baião *Trem Ô La Lá* gravado por Jacques Pills.
- 1952 – janeiro – A Sinter lança o samba *Marta*, na voz de Ivan de Alencar.
- 1952 – março-abril – O baião *Vamos Balancear* é lançado pela Continental na voz de Helena de Lima.
- 1952 – junho – 02 – É gravado na Continental, pela cantora Carmélia Alves *O Balanceio Tem Açúcar*.
- 1953-1954 – Lançado Catálogo da gravadora Parlophone com a música *Eu Vi Um Leão*, de Lauro Maia, gravação original com os 4 Ases e 1 Curinga sob nº DP-146.
- 1955 – março – 17 – Gravada, pela segunda vez, pelo cantor Orlando Silva, a valsa de Lauro, *Quando Dois Destinos Divergem*, em disco Odeon. Pulmonar.